

COLETÂNEA DO CICLO DE DEBATES SOBRE A HISTÓRIA DO LAZER 2024

Organização

Cleber Augusto Gonçalves Dias

Danilo da Silva Ramos

Vitor Lucas de Faria Pessoa

Cleber Augusto Gonçalves Dias
Danilo da Silva Ramos
Vitor Lucas de Faria Pessoa
Organizadores

**COLETÂNEA DO CICLO DE
DEBATES SOBRE A HISTÓRIA DO
LAZER - 2024**

Belo Horizonte
Editora EEFETO
2024

COLETÂNEA DO CICLO DE DEBATES SOBRE A HISTÓRIA DO LAZER - 2024

REALIZAÇÃO

**GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA DO LAZER
- HISLA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
(UFMG)**

Reitora: Profa. Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia
Ocupacional (EEFFTO)**

Diretor: Prof. Gustavo Pereira Côrtes

Vice-Diretora: Profa. Tânia Lúcia Hirochi

**Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do
Lazer (PPGIEL)**

Coordenador: Prof. Helder Ferreira Isayama

Subcoordenador: Prof. Cesar Teixeira Castilho

COMISSÃO ORGANIZADORA

Comissão Organizadora

Andreza Gonsalez Rodrigues Mota

Anderton Rocha

Cleber Augusto Gonçalves Dias

Danilo da Silva Ramos

Gabriel Zuanon Burguesi

Rosana Xavier

Vitor Lucas de Faria Pessoa

Site

Danilo da Silva Ramos

Copyright 2024

Editoração de texto: Cleber Augusto Gonçalves Dias, Danilo da Silva Ramos e Vitor Lucas de Faria Pessoa.

Revisão de texto e normatização: Os próprios autores e autoras

Revisão de provas: Cleber Augusto Gonçalves Dias, Danilo da Silva Ramos e Vitor Lucas de Faria Pessoa.

Formatação: Danilo da Silva Ramos

Diagramação: Danilo da Silva Ramos

Organização: Andreza Gonsalez Rodrigues Mota, Anderton Rocha, Cleber Augusto Gonçalves Dias, Danilo da Silva Ramos, Gabriel Zuanon Burguesi, Rosana Xavier e Vitor Lucas de Faria Pessoa

Imagem da Capa – BING COPILOT

Criado no Brasil

EFITORA EEEFTO

C694 Coletânea do ciclo de debates sobre a história do lazer 2024 / Cleber
2024 Augusto Gonçalves Dias, Danilo da Silva Ramos, Vitor Lucas de Faria
Pessoa, organizadores
Belo Horizonte : EEFETO, 2024.

1 recurso eletrônico: il.

Vários autores.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-00960035-8

1.Lazer – História. 2.Lazer – Coletânea. I. Dias, Cleber Augusto
Gonçalves. II. Ramos, Danilo da Silva. III. Pessoa, Vitor Lucas de Faria

CDU:379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB-6:3132.

ISBN: 978-65-00-96035-8

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

21 de Março

18:00 às 18:20 - Credenciamento

18:30 às 19:30 - Conferência de abertura

19:30 às 20:00 – Parada para o café

20:00 às 21:00 - Apresentação de trabalhos

21:00 às 21:30 – Encerramento



Ciclo de debates
Sobre a História do Lazer

SALA 2001

20h - “Sem tamba, nem samba” - O samba nos periódicos nacionais na década de 1830-1839

Danilo da Silva Ramos

Alysson dos Anjos Silva

20h10min - Samba, lazer e resistência: As narrativas negras pela imprensa durante o século XIX através dos jornais da década de 1850-1859

Gabriel Zuanon Burguesi

Danilo da Silva Ramos

20h20min - No "Candomblé sendo recolhidos à cadeira da correção 23 pessoas, das quais 12 nacionais e 11 africanos, que faziam parte desse ilícito ajuntamento" - A repressão ao Candomblé nas notícias policiais do século XIX

Thamires da Silva Souza

Danilo da Silva Ramos

20h30min Pintando o samba de branco: uma análise das incidências do jornal Gazeta de Notícias (RJ) nos anos de 1890 a1899

Alysson dos Anjos Silva

Gabriel Zuanon Burguesi

SALA 2002

20h - Lazer na era da Inteligência Artificial: reflexões iniciais sobre o aplicativo “Replika”

Andreza Gonsalez Rodrigues Mota

20h10min - Relações entre a historiografia do Lazer e dos Esportes na produção do Programa De Pós-Graduação em Estudos do Lazer da UFMG (2016-2022)

Bernardo Jordano Gomes

20h20min - O teatro em Rio Branco (Acre) – 1918 a 1927
Joyce Corrêa

20h30min - A natação na Revista Belo Horizonte e suas interfaces de gênero e classe
Letícia Silva Azevedo

20h40min - O Escritor na sagacidade de um Exu: Lima Barreto, futebol e raça
Luciano Jorge de Jesus

AUDITÓRIO MARIA LÚCIA PAIXÃO

20h - Depois do Maxixe: indícios da dança samba de gafieira no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX
Aline dos Santos Paixão

20h10min - Cenas Mágicas: A Dinâmica dos Espetáculos de Magica no Oeste de Minas Gerais (1888-1900)
Rosana Daniele Xavier
Daniel Venâncio de Oliveira Amaral

20h20min - Parque Municipal de Belo Horizonte/MG e a Semana Escoteira de 1929
Fernanda Moreira Viana
Maria Cristina Rosa

20h30min - A inserção da mecanização como precarização nas experiências laborais e de lazer do trabalhador: estudos iniciais à luz de análises fragmentadas no âmbito do lazer
Victor Hugo Geovú Esposito

20h40min - O Papel da Imprensa Escrita no Desenvolvimento do Esporte Universitário na Capital da República (1923-1926)
Vitor Lucas de Faria Pessoa

SUMARIO

“Sem tamba, nem samba” - O samba nos periódicos nacionais na década de 1830-1839

Danilo da Silva Ramos

Alysson dos Anjos Silva.....12

Samba, lazer e resistência: As narrativas negras pela imprensa durante o século XIX através dos jornais da década de 1850-1859

Gabriel Zuanon Burguesi

Danilo da Silva Ramos.....20

No "Candomblé sendo recolhidos à cadeira da correção 23 pessoas, das quais 12 nacionais e 11 africanos, que faziam parte desse ilícito ajuntamento" - A repressão ao Candomblé nas notícias policiais do século XIX

Thamires da Silva Souza

Danilo da Silva Ramos.....28

Pintando o samba de branco: uma análise das incidências do jornal Gazeta de Notícias (RJ) nos anos de 1890 a1899

Alysson dos Anjos Silva

Gabriel Zuanon Burguesi.....37

Lazer na era da Inteligência Artificial: reflexões iniciais sobre o aplicativo “Replika”

Andreza Gonsalez Rodrigues Mota.....46

Relações entre a historiografia do Lazer e dos Esportes na produção do Programa De Pós-Graduação em Estudos do Lazer da UFMG (2016-2022)

Bernardo Jordano Gomes.....55

O teatro em Rio Branco (Acre) – 1918 a 1927 <i>Joyce Corrêa</i>	66
Depois do Maxixe: indícios da dança samba de gafeira no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX <i>Aline dos Santos Paixão</i>	75
Cenas Mágicas: A Dinâmica dos Espetáculos de Magica no Oeste de Minas Gerais (1888-1900) <i>Rosana Daniele Xavier</i> <i>Daniel Venâncio de Oliveira Amaral</i>	83
Parque Municipal de Belo Horizonte/MG e a Semana Escoteira de 1929 <i>Fernanda Moreira Viana</i> <i>Maria Cristina Rosa</i>	94
A inserção da mecanização como precarização nas experiências laborais e de lazer do trabalhador: estudos iniciais à luz de análises fragmentadas no âmbito do lazer <i>Victor Hugo Geovú Esposito</i>	102
O Papel da Imprensa Escrita no Desenvolvimento do Esporte Universitário na Capital da República (1923-1926) <i>Vitor Lucas de Faria Pessoa</i>	111
A natação na <i>Revista Bello Horizonte</i> e suas interfaces de gênero e classe <i>Letícia Silva Azevedo</i>	120
O Escritor na sagacidade de um Exu: Lima Barreto, futebol e raça <i>Luciano Jorge de Jesus</i>	131

“Sem tamba, nem samba” - O samba nos periódicos nacionais na década de 1830-1839¹

Daniilo da Silva Ramos²

Alysson dos Anjos Silva³

Universidade Federal de Minas Gerais

1 – Notas Introdutórias

Este texto faz parte da divulgação dos resultados obtidos no projeto de pesquisa ‘O samba na imprensa nacional no século XIX’. Este projeto teve como objetivo catalogar toda a incidência da palavra ‘samba’ nos periódicos do século XIX presentes na Hemeroteca Digital do site da Biblioteca Nacional. Como metodologia, utilizamos a tecnologia *Docpro*, que permite buscas nos periódicos através de palavras-chave.

Neste trabalho, temos como objetivo analisar como a imprensa nacional apresentou o samba no período de 1830 até 1839. Cabe destacar que, apesar de iniciarmos nossas buscas nos jornais a partir da primeira década do século XIX (1800 – 1809), o termo "samba" só foi encontrado a partir de 1830. Desta forma, este é o marco inicial de nossa pesquisa.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

² Doutorando em Estudos do Lazer e bolsista CAPES (DS).

³ Doutorando em Estudos do Lazer e bolsista CAPES (DS).

Como metodologia, realizamos a catalogação das incidências nos periódicos do período citado, seguida pela leitura das fontes e discussão posterior. Abaixo, compartilhamos a tabela contendo os jornais e a quantidade de incidências do termo 'samba' em cada um deles:

Tabela 1 – Jornais com aparecimento do termo “samba” na década de 1830-1839

Jornal	Quantidade de incidências
Diário de Pernambuco	2
Diário do Rio de Janeiro (RJ)	1
Jornal do Commercio (RJ)	2
Nova Sentinella da Liberdade : Na Guarita do Forte de S.Pedro na Bahia de Todos os Santos (BA)	1
O Carapeuceiro : Periodico semper moral, e so´per accidens Político (PE)	2

Antes de adentrarmos na análise das fontes, é crucial realizar uma discussão sobre o uso dos jornais como fontes históricas e suas implicações críticas. Atualmente, existe uma construção teórica robusta que respalda as possibilidades de utilização dos jornais na historiografia, especialmente a partir do movimento da Nova História. Um ponto de convergência teórica entre os estudiosos do tema é o reconhecimento de que os periódicos são fragmentos da realidade, permeados por vieses políticos, sociais, filosóficos e outros, os quais são influenciados

por elementos como os proprietários, o público-alvo, os financiadores, entre outros, conforme destacado por José Barros (2021), Carlos Leite (2015) e Tânia Luca (2005). Essa compreensão embasa nossa abordagem crítica da análise dos periódicos como fonte.

Danilo Ramos (2023) destaca a possibilidade dos jornais como fontes históricas para compreender a história das pessoas negras. Ele ressalta que, apesar de serem necessários cuidados críticos ao utilizá-los, os jornais podem oferecer pistas sobre a realidade deste grupo. Desta maneira, se faz necessário a busca pelo "não dito" neste tipo de fonte. Isso significa que os historiadores e historiadoras devem não apenas analisar o que está explicitamente registrado nos jornais, mas também buscar indícios e fragmentos que possam revelar aspectos da história negra que não foram amplamente documentados ou reconhecidos.

Apresentados os pontos iniciais, passamos à análise dos resultados. Um último detalhe é a forma como apresentaremos as fontes no texto. Procuramos alterar a ortografia das palavras sem modificar os significados, quando necessário, para garantir a fluidez da leitura.

2 - “Sem tamba, nem samba” - O samba nos periódicos nacionais na década de 1830-1839

Elza Silveira (2007) analisa o jornal 'O Carapuceiro', editado pelo padre Lopes Gama, que discutiu moral, sociedade, política e comportamento com uma característica satírica. Em nossas fontes, encontramos duas referências neste periódico. A primeira destaca o samba como uma característica da cultura popular, mas também algo que afasta a sociedade da civilização. Nesta publicação, Lopes Gama critica o samba, comparando gostos extravagantes.

Ao admitir-se que o Gosto está inteiramente sujeito ao bel prazer de cada um, segue-se necessariamente que em matérias de gosto não há regras fixas, que não há gostos extravagantes, etc. Segue-se que tão perfeita na Cantoria era Catalini, ou a Pasta, como padre Antonio descartando no seu berimbau; que tanto vale uma garatuja da China, que vinham nos bules e bandejas, como as pinturas de Rafael, de Rubens, ou do Corregio; que tão agradável é um samba de d'almocreves, como a Semiramis, a Gazaladra, o Tancredi, &c. de Rossini, como uma cabocla da Alhandra; finalmente que é indiferente comer bobó, vatapá, abará, abará, acarajé, acassá, e caruru, acepipes africanos, a gozar das delícias de uma mesa italiana. Se cada um pois tem o seu gosto, e porfia, que é o melhor, qual será o juiz que decide onde está o bom, onde está o mal gosto? Eu não conheço outro juiz, senão o consenso dos homens. Tudo aquilo pois, que merecer o acolhimento e agrado da maioria

das pessoas civilizadas e polidas, deve considerar-se objeto de bom gosto; e os que não estiverem por isso, são exceções da regra, são sujeitos mal organizados, ou de gosto corrompido, estragado⁴.

No "Carapuceiro", o samba é mencionado pela segunda vez em um conto no qual um viajante "com uma viola nas unhas zangarrêa o samba por uma noite inteira⁵". Nessa passagem, percebemos o samba como um momento de desfrute do prazer, já que o personagem que o tocava o fazia enquanto fumava, sendo importante ressaltar que, neste momento, ele acabara de ter seu cavalo roubado.

No periódico "Diário de Pernambuco", o samba foi mencionado como referência espacial em relação a um crime. No recorte da matéria, encontramos: "Sobre a morte do Permanente no ponto do Samba, respondeu-me o Juiz de Paz respectivo que apenas de viva voz, e não por escrito (...) ⁶." Em nossa perspectiva, este trecho indica que a definição de localização faz parte de um reconhecimento geográfico como uma marcação cultural.

⁴ O Carapuceiro, n. 6, p. 1, 03 de fev. 1838.

⁵ O Carapuceiro, n. 78, p. 1, 26 de dez. 1838.

⁶ Diário de Pernambuco, n. 375, s/n, 26 de abr. 1834.

Já o Jornal do Commercio (RJ) tratou o Samba como marcador da nação de origem dos escravizados, nas pesquisas bibliográficas e das próprias fontes não existe a possibilidade de inferir o significado atribuído ao Samba nestes casos, abaixo compartilhamos uma destas incidências.

DESAPARECERAM, na madrugada do dia 3 do corrente, da casa em que reside Pedro José Pereira Vianna, na rua nova de Silva Manoel, dois Africanos livres, do patacho Especulador, de nomes Maximiano e Gregorio: o primeiro terá 16 anos, de nação Cunhembra, marcado no peito esquerdo com um 8 e um traço pelo meio; o segundo de 14 anos, muito retinto, de nação Samba, e marcado no peito esquerdo com um 3: ambos foram vestidos de camisa de baeta azul e calças escuras, e cobertos com toalha de mesa escura, calças e camisa de algodão americano, e por isso julga-se que fossem desencaminhados por algum vendedor deste gênero. Quem tiver notícia deles, favor comunicar-se à rua da Quitanda n°. 137, que será recompensado.⁷

Em um ditado popular, o samba foi utilizado para caracterizar “marotos solteiros sem tamba nem samba, pois essa é a gente do Comércio⁸”, conforme relatado no periódico Nova Sentinella da Liberdade: Na Guarita do Forte de S. Pedro na

⁷ Jornal do Commercio, n. 147, 4, 05 de jul. 1839.

⁸ Diário de Pernambuco, n. 445, s/n, 04 de ago. 1830.

Bahia de Todos os Santos. Isso pode aludir ao samba como parte da cultura daquela localidade, ao passo que é introduzido como ditado, e estes são por natureza conhecido por grande parcela da população.

O Diário de Pernambuco após relatar que parte dos soldados enviados da capital ao interior por algum mau comportamento, acaba utilizando seu tempo nesses locais para se divertir em “pescarias de curraes, e trepações de coqueiros, em cujos passatempos será recebida com agrado a viola, e o samba; e aos peraltas, cada vez os fará mais desenvolvidos na conjugação do verbo surripio.”⁹

3 - A guisa de conclusão

A análise das fontes nos proporcionou a demonstração de que, já na década de 1830-1839, o samba possuía uma complexa rede de significados e circulação nos periódicos, demarcando, em nosso prisma, sua existência enquanto prática de divertimento na sociedade do período.

Referências

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. **Revista**

⁹ Diário de Pernambuco, n. 445, s/n, 04 de ago. 1830.

Portuguesa de História, t. LII, 421-443, 2021. ISSN: 0870.4147. Disponível em <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691/7504>. Acesso em 05 de fev. 2024.

SILVEIRA, Elza Maria Gonçalves da. **O Carapuiceiro: um periódico satírico na primeira metade do século XIX**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários. Área de Concentração: Literatura Brasileira. Orientador: Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Revista Escritas**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 03–17, 2015. DOI: 10.20873/vol7n1pp03-17. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629>. Acesso em: 05 fev. 2024.

LUCA, Tânia Regina de. **A história dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

RAMOS, Danilo da Silva. **Os jornais como fontes para a construção da história dos divertimentos das pessoas negras no início do século XX**. In: *Coletânea do 1º Ciclo de Debates sobre a História do Lazer*, 2023. Local: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Samba, lazer e resistência: As narrativas negras pela imprensa durante o século XIX através dos jornais da década de 1850-1859

Gabriel Zuanon Burguesi¹⁰

Danilo da Silva Ramos¹¹

Universidade Federal de Minas Gerais

1 – Notas Introdutórias

O presente texto apresenta parte da análise dos resultados do projeto de pesquisa em andamento, O Samba na imprensa nacional no século XIX, cujo propósito é catalogar as referências ao samba nos periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, ao longo do século XIX, utilizando a busca automática no site com a palavra-chave "samba".

A leitura e discussão das ocorrências têm como objetivo uma abordagem crítica, considerando as implicações históricas que jornais tiveram na sociedade em vários âmbitos. Para Ramos (2023), os periódicos não refletem com precisão as realidades concretas dos eventos históricos, portanto, é necessária uma

¹⁰ Graduando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

¹¹ Doutorando em Estudos do Lazer e bolsista CAPES (DS).

análise cuidadosa por parte dos historiadores e/ou pesquisadores. Barros (2021), afirma que “Para vislumbrar todas as potencialidades e desafios que os jornais apresentam aos historiadores como fontes históricas, devemos ultrapassar o senso comum [...]”, contribuindo assim para que não haja perpetuação das ideologias dominantes na construção dos textos presente.

Uma representatividade na historiografia, Cyril James (2015), em seu livro "A revolução e o negro", destaca a falácia do mito do negro dócil, afirmando que a submissão dos negros é uma construção fictícia, onde os negros só não se rebelaram nos relatos dos historiadores capitalistas. Nesse sentido, os meios de registros históricos, como jornais, folhetos e manifestos, podem desempenhar um papel crucial na desconstrução desses mitos, observando a necessidade de os historiadores utilizarem sua respectiva crítica e buscar pelas outras informações além do que está registrado. Esses documentos oferecem uma janela para as vozes que tentaram silenciar, possibilitando uma reconstrução da história visto por outros olhares.

A viabilidade dessa nova compreensão dos fatos é respaldada pelas mudanças metodológicas na comunidade historiográfica, como a Escola dos Annales que sob a liderança

de Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, fundaram “A revista dos Annales”, que desafiava o positivismo histórico e buscava transcender as visões restritas que separavam as diversas áreas científicas.

Levando em consideração os elementos indicados acima, neste texto temos como recorte histórico o período que abrange a década de 1850-1859, apresentamos a tabela que inclui os jornais e suas respectivas quantidades de ocorrências referente ao termo “samba”.

Tabela 1 – Jornais com aparecimento do termo “samba” na década de 1850-1859

Jornal	Quantidade de incidências
Annaes do Parlamento Brasileiro (RJ) - 1826 a 1888	3
Diário do Rio de Janeiro (RJ)	5
Jornal do Commercio (RJ)	3

Fonte: dados da pesquisa - elaboração dos autores

2 - Samba, lazer e resistência: As narrativas negras pela imprensa durante o século XIX através dos jornais da década de 1850-1859

Com base nas evidências históricas examinadas, o periódico "Annaes do Parlamento Brasileiro" oferece um

importante registro de uma experiência de samba, lazer¹² e resistência. Sua narrativa contribui significativamente para a ampliação da compreensão do papel da imprensa no moldar do imaginário popular, destacando a importância desses elementos culturais na tessitura da sociedade da época.

Dessa forma, analisando a conjuntura, o exemplo do trecho retrata um episódio publicado em agosto de 1858, em que é mencionado que um indivíduo chamado Felix da Besta foi preso por ordem do comandante do destacamento da cidade Gamboa. A razão para sua prisão foi sua resistência à patrulha que tentava dissolver um samba no bairro da Gamboa. Demonstrando claramente a força repressiva do Estado figurado nas autoridades de segurança, onde buscavam responsabilizar legalmente o indivíduo por sua conduta. Assim, as dinâmicas sociais, o controle da ordem pública e o sistema legislativo daquele período, meados do século XIX, é evidenciado, revelando aspectos da repressão ao samba, em seguida apresentamos a fonte em sua íntegra.

¹²A utilização do termo "lazer" é realizada com consciência do contexto, considerando as características e concepções atribuídas a ele na época analisada, visto que é importante ressaltar que as definições e entendimentos sobre o termo podem variar ao longo do tempo, refletindo diferentes perspectivas socioculturais.

Palacio do governo do Ceará, em 24 de novembro de 1857 - Tendo sido preso por ordem do commandante do destacamento dessa cidade, e posto a sua disposição, o indivíduo por nome Felix da Besta, por haver resistido á patrulha que tratava de dissolver um samba no bairro da Gamboa dessa cidade, cumpre que Vm. lhe instaure o competente processo; e no caso de que afinal seja absolvido, Vm. o remettersa como recruta para esta capital, embora tenha isenções, por não ser esta a primeira desordem que tem feito.¹³

O episódio trata-se de uma questão ligada à raça e exige ainda mais a necessidade de “espremer” as fontes, como também passa por receber uma caracterização de uma ação oriunda do racismo e que não se dissocia das instituições do Estado¹⁴. Assim, observa-se ainda que a força governamental e executiva exigiam que Felix fosse recrutado para a capital, assim, exemplificando que mesmo tendo isenções, existe a importância da disciplina e controle social, como forma de punição ou reeducação para os modelos idealizados pela elite dominante.

¹³ Annaes do Parlamento Brasileiro, p. 64, 07 de ago. 1858

¹⁴ Com a finalidade de evitar anacronismos, neste trabalho, nos momentos em que os leitores se depararem com o termo Estado, é importante destacar que não continha todos os aparatos modernos, todavia, ainda era um estado moderno, com todas as características temporais de tal.

Essa mesma notícia referente a prisão de Felix da Besta pela resistência ao desmantelamento de um samba foi divulgada em outros jornais do Rio de Janeiro, nesse sentido, exemplificando a relevância que os jornais davam para a polícia e em nossa perspectiva como uma forma de comunicação interestadual que assumia um papel de perpetuação do racismo, ao passo que demonstrava, através do exemplo, a necessidade de repressão. Haja vista que os jornais Diário do Rio de Janeiro e Jornal do Commercio também emitiram em sua íntegra uma matéria a respeito do ocorrido.

3.- Illm. e Exm. Sr. – Tenho a honra de participar Ex. que nenhuma occurencia deu se na eleição que se procedeu na matriz desta cidade no dia 1º do corrente mez, para deputados provinciaes. Outrosim, na noite desse mesmo dia, por motivo de uma patrulha deste destacamento desmanchar um samba no bairro da Gamboa, em casa de Alexandre José de Santa Anna, e havendo resistência de parte dos convivas resultou de uma tal luta ficar enfuso no rosto um dos soldados, sendo nessa ocasião preso o principal desordeiro conhecido, por Felix da Besta, que se acha a disposição do delegado do termo. Até hoje as músicas não tem tocado em desatio¹⁵

¹⁵ Jornal do Commercio, p. 01, 18 de ago. 1858

O Diário do Rio de Janeiro publicou, em 26 de janeiro de 1858, a mesma notícia previamente veiculada pelo “Annaes do Parlamento Brasileiro. Este fato evidencia a disseminação da informação na região, onde podemos caracterizar que a imprensa buscava ilustrar o poder estatal e legal no domínio das atividades de lazer, particularmente no que diz respeito aos negros. E, assim, utilizando da figura de Felix para desmoralizar e exemplificar com o punitivismo a situação de resistência.

3 - A guisa de conclusão

Desse modo, cabe analisar o conteúdo histórico evidenciado, através da ótica de história por debaixo, como colocado por E.P. Thompson (2002). O autor pontua que deve ser, uma história das lutas sociais, das ações dos governados, do desrespeito às leis, da insubordinação e da rebelião, destacando a importância das ações e lutas das classes subalternas na compreensão da dinâmica histórica. Dessa maneira, ao examinar as ocorrências em destaque, podemos concluir que, mesmo com a ampla divulgação das prisões relacionadas às resistências contra a interrupção dos sambas, o lazer expresso na cultura do povo negro persistia como uma fonte de incômodo as elites dominantes e inclusive para o estado, que fazia uso de seu braço

repressor, a polícia, para a dissolução dos sambas e as respectivas prisões. Estes elementos são parte do aspecto estrutural do racismo e da política do encarceramento em massa das pessoas negras. E demonstra como a população negra resistiu para ter seu lazer e não deixar o samba morrer.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica.** Revista Portuguesa de História, t. LII, 421-443, 2021. ISSN: 0870.4147. Disponível em <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691/7504>. Acesso em 17 de fev. 2024.

JAMES, Cyril Lionel Robert. In. ALFONSO, Daniel; PABLITO, Marcello; Parks, Letícia. **A revolução e o negro:** textos do trotskismo sobre a Questão Negra. São Paulo: Edições Iskra, 2015

RAMOS, Danilo da Silva. **Os jornais como fontes para a construção da história dos divertimentos das pessoas negras no início do século XX.** In: Coletânea do 1º Ciclo de Debates sobre a História do Lazer, 2023. Local: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

THOMPSON, E.P. **A história vista de baixo.** In: A peculiaridade dos ingleses e outros artigos. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002

No "Candomblé sendo recolhidos à cadeia da correção 23 pessoas, das quais 12 nacionais e 11 africanos, que faziam parte desse ilícito ajuntamento" - A repressão ao Candomblé nas notícias policiais do século XIX

Thamires da Silva Souza¹⁶

Daniilo da Silva Ramos¹⁷

Universidade Federal de Minas Gerais

1. Notas Introdutórias

Este texto faz parte da divulgação dos resultados da pesquisa “O Candomblé na imprensa nacional do século XIX”. Fizemos a catalogação das incidências do Candomblé nos periódicos do período citado. Como metodologia, utilizamos a busca por palavra-chave (Candomblé) nos jornais disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. O conjunto de fontes discutidas neste trabalho abrange os resultados que obtivemos ao longo de todo o século XIX.

No texto a seguir, discutiremos a repressão policial ao Candomblé, conforme relatado pela imprensa. O objetivo deste texto é analisar os elementos sócio-históricos presentes

¹⁶ Graduanda em Licenciatura em História na UFMG.

¹⁷ Doutorando em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Bolsista CAPES – DS.

nesse tipo de notícia. Como metodologia, identificamos as ocorrências que mencionavam alguma forma de repressão policial contra os praticantes do Candomblé, todas datadas do século XIX.

O uso de jornais como fontes históricas tem sido um recurso utilizado pelos historiadores em suas pesquisas na década de 1970, desenvolveu-se um debate acerca do uso dos periódicos para as abordagens historiográficas. Nesse contexto, como argumenta a historiadora Tânia Regina de Luca (2008), os jornais possuem conjunturas pessoais e políticas que podem distorcer ou alterar a representação dos fatos. Ou seja, é necessário que haja a utilização de uma interpretação crítica das fontes para a sua compreensão, que se convencionou a denominar na historiografia de crítica das fontes. Por fim, é relevante a importância desse recurso para o fazer historiográfico, não apenas por sua riqueza historiográfica, como também pela divulgação e facilitação do acesso a esses arquivos digitalizados através de plataformas como a Hemeroteca.

2. A repressão ao Candomblé através dos periódicos do século XIX

O Candomblé é uma religião de matriz africana,

surgida na Bahia a partir de diversas influências de povos africanos que lá aportaram na diáspora (Prandini, 2001; Silveira, 2000; Lima, 1984)¹⁸ é parte da cultura de uma parcela das pessoas negras. E como outras práticas da cultura negra como o Samba e a Capoeira serão alvos de repressão do estado.

Juliana Borges (2019) denuncia o caráter estrutural do racismo através do encarceramento em massa da população negra e como este processo tem suas raízes no período que conhecemos por escravidão. A referida autora afirma que.

Se esse sistema já operou explicitamente pela lógica da escravidão, passando pela vigilância e pelo controle territorial da população negra após a proclamação da República, pela criminalização da cultura e pelo apagamento da memória afrodescendente, percorrendo a aculturação e a assimilação pela mestiçagem e pela apropriação, pela negação do acesso à educação, ao saneamento, à saúde – questões que permanecem, inclusive –, hoje não temos um cenário de fim dessa engrenagem, mas de seu remodelamento. (Borges, 2019, pag. 21 e 22)

A pesquisa atravessa este período, citado acima, e verificamos como a prática do Candomblé foi subterfúgio para

¹⁸ Esta é uma breve definição sobre o Candomblé que julgamos necessário trazer aos leitores e leitoras.

que a polícia prendesse, e por ser de origem da matriz africana sofreu todo o processo dos preconceitos raciais em seu tempo, incluindo a este processo que a repressão dificultara a criação de espaços de sociabilidade das pessoas negras. A primeira matéria que encontramos sobre repressão foi no ano de 1858 no jornal *Diário de Pernambuco*, que reproduzia uma matéria publicada no *Diário da Bahia*, a qual compartilhada na íntegra abaixo.

BAHIA, 14 DE ABRIL. Ontem, à uma hora da noite, por ordem do Sr. Dr. chefe de polícia, foi cercada uma casa das vulgarmente denominadas candomblé, nas Quintas da Barra, da freguesia de Vitória, e foram presas 32 pessoas, sendo 18 crioulos livres, 2 pardas, 5 africanas libertas, 5 crioulos, um destes escravo, e 2 africanos libertos. Os ditos pretos foram distribuídos pelas cadeias da correção e aljube, a fim de serem punidos na conformidade da postura n.º 70. Achavam-se na casa diversos objetos, sendo os mais notáveis: 3 espadas de folha de Flandres, 9 calças e 3 verdes, 1 touca, avental, 1 penacho, 4 brancas, 2 de retalhos vermelho com borlas de ouro enfeitadas de búzios da Costa, toalhas, 1 porção de missangas e búzios, etc., etc. O tenente comandante da guarda urbana foi quem dirigiu a diligência.¹⁹

¹⁹ Bahia 14 de abril. *Diário de Pernambuco*, Recife, p.1 abril 1858.

É notória a maneira pela qual o periódico enfatiza a característica racial das pessoas que foram presas, incluindo um indivíduo escravizado. Vale ressaltar que, neste episódio, todos os detidos eram pessoas negras e já foram logo distribuídos para as cadeias. Outra característica que este recorte nos permite inferir é o Candomblé sendo um espaço de sociabilidade entre pessoas negras com diferentes níveis de “distinção”, aqui lida como diferença de status social. Encontramos matérias que relatam múltiplas prisões pela polícia devido à prática do Candomblé. Abaixo, compartilhamos alguns recortes que ilustram nossa afirmação:

Na madrugada de 15, os oficiais da Polícia, capitão [ilegível] alferes Olídio da Costa Chaves, surpreenderam no lugar denominado Areia, do 2º distrito da freguesia do Santo Antônio além do Carmo, um candomblé, sendo recolhidas à cadeia da correção 23 pessoas, das quais 12 nacionais e 11 africanos, que faziam parte desse ilícito ajuntamento²⁰.

Sob o título Candomblés, referem as folhas da capital da Bahia: 'Uma força da companhia de urbanos, dirigida pelo alferes Maia, comandante interino da mesma companhia, por ordem do Dr. chefe de polícia, cercou às 4 horas da noite um candomblé, no lugar denominado Bate-folhas, no 2º distrito,

²⁰ O Cearense, Fortaleza, p.2 julho 1869.

e aí apreendeu diversos objetos que servem ao culto e festas dos supersticiosos, e prendeu 18 pessoas que foram recolhidas à guarda da estação central, de onde tiveram destino conveniente, conforme diz a parte da polícia. (...) ²¹.

Outro aspecto a ser ressaltado é em relação a postura da população para com esse grupo e a atuação policial, posto que os periódicos também foram utilizados como um espaço de denúncia de encontros e pessoas. As notícias a seguir, a primeira intitulada “Bahianadas” e a segunda “A Policia” - ambas publicadas no jornal *Corsário Junior: Periodico Critico e Noticioso* em 1882- elucidam esse fato:

“Para conhecimento da polícia, afim de que não resulte ROLOS, CAPOEIRADAS e outras diatribes próprias do povo pagodista e fanfarronata que se exhibe em certas ocasiões com os movimentos bailaricos do farcista da praça, chamamos a atenção para o grande SAMBA ou CANDOMBLE que terá lugar hoje em festança às fogueiras de S. João no Engenho Novo onde dizem-nos, preparam grande <patuscada> o rapazio amantetico da Bahia, entre os quase contam-se os herois de mais de uma dúzia de campanhas - Millitão e Vavá -, que não perdem por forma alguma esse pratinho CATERETETICO. E’ certo que os Gostosos dos Anjos por serem natural de Itapagipe não faltarão a função, portanto -

²¹ Novo e Completo Indice Chronologico da História do Brasil, Rio de Janeiro, s/n fevereiro 1873.

polícia ò policia ao Engenho Novo²².”

“Chamamos a atenção das autoridades policiais para uma negra feiticeira que dá pelo nome de Salustiana, que pratica todos atos imorais e libidinosos com uma Cieilia assanan, no candomblé roçado do Engenho Novo, de Bernardina minha-sorte. Esta onça tem as mamas tão grandes que escondeu a cabeça da lebre embaixo por causa do frio que fazia quando o trem voltava deste lugar, com esta fera conselheira do roçado²³.”

A partir do exposto é possível observar que a população possuía um papel importante nessa estrutura de repressão, contribuindo diretamente para a marginalização e exclusão desse grupo, em maior parte formado por pessoas negras, e suas práticas. Ao passo que denúncias como estas, carregadas de estereótipos e preconceitos, foram encontradas diversas vezes durante a pesquisa, ou seja, o comportamento da população perante esse grupo, reforçou e legitimou a atuação repressiva da polícia.

3. Trilhando caminhos – a conclusão do texto

²² Novo e Completo Indice Chronologico da História do Brasil, Rio de Janeiro, s/n fevereiro 1873.

²³ Novo e Completo Indice Chronologico da História do Brasil, Rio de Janeiro, s/n fevereiro 1873.

Diante do exposto, é importante ressaltar, que a polícia possui um caráter repressivo histórico em sua conduta, como pontua Marcos Luiz Bretas e André Rosemberg (2013) a polícia atuou como agente promotor de uma modernidade advinda da força, utilizando da repressão de práticas culturais, cultos, comemorações dentre outras formas de lazer e manifestação. Sendo que as principais consequências desse mecanismo foram o impedimento da criação de espaços de sociabilidade das pessoas negras e a marginalização desses grupos e de seus costumes na sociedade.

Referências

BRETAS, M. L.; ROSEMBERG, A. A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 14, n. 26, p. 162–173, 2013.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

LIMA, Vivaldo da Costa. "Nações-de-candomblé". In: LIMA, Vivaldo da Costa (org.). *Encontro de nações de candomblé*. Salvador: **Centro de Estudos Afro-Asiáticos da UFBA e Ianamá**, 1984.

PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n.

47, p. 43–58, 2001.

SILVEIRA, Renato da. "Jeje-nagô, iorubá-tapá, aon efan e ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha, 1764-1851". **Revista Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 6, p. 80- 101, 2000.

PINTANDO O SAMBA DE BRANCO: UMA ANÁLISE DAS INCIDÊNCIAS DO JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS (RJ) NOS ANOS DE 1890 A 1899²⁴

Alysson dos Anjos Silva²⁵

PPGIEL/UFMG

Gabriel Zuanon Burguesi²⁶

UFMG

1 –Concepções introdutórias

Resultante da pesquisa historiográfica em andamento “O samba na imprensa nacional no século XIX”, que busca em sua ação o mapeamento da palavra samba nos anos de 1890, presentes acervo na Hemeroteca digital do site da biblioteca nacional. Apresentamos nesses textos um recorte das incidências achadas em um dos jornais observados, o jornal Gazeta de Notícias (RJ), no período dos anos de 1890 ao ano de 1899.

Nesse texto apresentamos uma pesquisa historiográfica, que como mostra Renée Zicman (1985), esse tipo de pesquisa tem suas potencias e seus pressupostos. Potencias por conseguir

²⁴ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

²⁵ Doutorando em Estudos do Lazer e bolsista CAPES (DS).

²⁶ Graduando em História UFMG

contar histórias e permitir com que com as lentes das informações históricas possamos através da imprensa entender os contextos sociais. A vantagem desse movimento segundo o autor é a periodicidade que gera confiabilidade, além disso a disposição espacial que mostra uma contante, além de questões como censurar que de tempos em tempos devido a problemáticas sociais vão se transformando.

Seguindo a mesma premissa, tomamos como base José Barros (2021), que apresenta premissas para pesquisas que tem o jornal como fonte metodologia de pesquisa histórica, assim como Zicmam menciona sobre a confiança trazida pelas datas e por serem documentos oficiais, elementos como ilustração, podem ser de grande auxílio para a investigação lançada. Contudo e preciso como menciona Barros, tomar cuidado em buscar uma contextualização regional e temporal, para que a verdade trazida no jornal não seja compreendida como absoluta, por isso olhar mais de um documento ou mais de uma edição pode fazer com que a informação seja confirmada, como também confrontada. Além de triangular os achados com as referências bibliográficas que tematizam os assuntos investigados.

Esses movimentos, contribuem para que a pesquisa seja consistente e ainda consiga contribuir para outras pesquisas

históricas da mesma área investigativa ou que tenham o mesmo caminho metodológico.

Dessa forma, ao analisar um jornal devemos olhar para ele sem moralismos, mas como um pesquisador que busca por meio dessa lente olhar para uma sociedade passada, são esses os pressupostos que balizam a pesquisa. Seguindo esse movimento apresentaremos os pontos observados a seguir.

Com base nessas premissas, realizamos nossa investigação historiográfica que seguiu o movimento de ter um jornal específico e período específico como foco, apresenta elementos potentes de serem observados. Dessa forma, considerando os filtros temporais entre os anos de 1890 a 1899, usando também a palavra Samba, foram encontradas 58 incidências, ou seja, momentos em que essa palavra foi escrita no jornal Gazeta de Notícias (RJ). Dessas 58, apenas 47 eram confiáveis no que tange a palavra samba. Com base nos achados, foi possível uma discussão no que reverberou nesse trabalho.

2 - Hierarquização do samba entre os anos de 1890 a 1899

Após a realização do primeiro filtro em nossa investigação historiográfica, passamos a analisar as fontes, que

revelaram uma dicotomia em um aspecto o que existe uma diferenciação de como o samba o samba de Alexandre Levy e o samba como sinônimo de confusão e violência. O nome Alexandre Levy foi constantemente observado, ele foi um grande músico, que contribuiu de forma significativa para a música brasileira, não criticamos a sua competência, mas sim o exacerbado enaltecimento se comparado aos demais sambas observados em nossa pesquisa.

Quando referenciado o nome de Alexandre Levy, as incidências que continham o nome samba, faziam referência ao Samba de Levy ou samba de Alexandre Levy, falando onde o evento iria ocorrer, também como as performances musicais eram tidas com geniais e belas. Letras grandes, descrições cautelosas que ao referir-se ao músico como genial, convidando para os eventos que iriam ocorrer, davam a ele não apenas um nome, mas o título de samba dele, como se ele fosse o verdadeiro inventor ou dono.

Por outro lado, o samba quando não referenciado ao Levy ou associado as pessoas negras, era mencionado como pano de fundo para violências que ocorriam e notícias de assassinatos, confusões em festas, pelo horário em que terminavam ou barulho e incomodo que causavam. Como por

exemplo, citam em vários casos, que tiveram brigas em um samba onde tinham muitas pessoas negras, em outro momento também fazem referência a prisão de determinada pessoa negra no samba. Essas formas de apresentação, são acompanhadas de expressões racistas, em que se referem-se as negras como, mas o definiam pela questão étnico racial negra.

A título de exemplificação temos a citação a seguir, que compara os dois sambas:

“[...] Alexandre recebeu lições de Massenet, e de que bem aproveitou o ensinamento do mestre glorioso deu hontem atestado ao público fluminense com o sem samba vasado no mesmo molde descriptivo e apaixonado das suítes d’orchestre do grande compositor Francez.

O samba é a representação viva e fiel da característica dança dos pretos do interior de S. Paulo, nas festas que já hoje vão desaparecendo. E que Julio Ribeiro descreveu como mão do mestre, danças que tiveram origem nas congadas ainda em pleno desenvolvimento de há trinta anos, e cuja a radeza primitiva de instrumentos e cânticos selvagem, ásperos e imponentes. Foi-se modificado para receber, pela intervenção dos caboclos e mulatos, a doçura plangente característica da nossa música pastoril.²⁷

²⁷ Gazeta de Notícias (RJ), n.202, p.2, 21 de jul.1890.

Já em outro contexto, uma notícia no jornal demonstra como o samba vivenciado por pessoas negras na época era sinônimo de inferioridade:

[...] Um homem com eu, só lhe daria um puxão de orelha ou meia dúzia de beliscões.

Com respeito a cérebro atrasado e corrupto, nunca fui visto jogando o búzio e dançando o samba em orgias com negros embriagados.²⁸

A cultura dos negros é associada a algo selvagem é uma forma de expressão de preconceito, expressado esse entendimento com a idealização de uma música pastoril. Na outra citação, as experiências dentre elas o samba é associado a uma falta de inteligência e expressado uma superioridade por não participar dessas práticas.

Esses elementos, fazem ver que existe uma espécie de hierarquização, de um samba que é bom e o outro que não é, ou apresentado como limitado ou inferior, por não atender as demandas ditas como ideias, que no caso são as eurocêtricas, expressadas por um viés da expectativa da música pastoral. Para Mércia Pinto (2002), destaque o significado de música pastoril e a comemoração dos costumes cristãos, bem como o louvor a família e a Jesus Cristo, costumes essas que musicalmente foi

²⁸ Gazeta de Notícias (RJ), n. 361, p.4, 27 de dez, 1891.

construído sobre uma expressão musical que privilegia determinados ritmos, instrumentos e contextos para que esse ocorra.

Essas formas de apresentação do samba causaram-nos um incomodo, porque o samba de Alexandre Levy, primeiro, precisamos considerar que essa é a apresentação de um jornal específico, outro ponto é que existe um movimento hegemônico de enaltecimento das expressões tidas como boas e belas como as apresentações em orquestras se comparadas as que ocorrem em locais não formalizados. Movimento esse que contribui ainda mais para a manutenção de um racismo contra o samba e faz com que o samba seja pintado de branco pelo nome samba de Levy no jornal observado.

Diante disso, fica evidente que tudo vai de confronto com o ideal da época, de alguma forma é rejeitado ou transformado para dar conta das demandas preconceituosa, que nesse caso expressou-se contra os negros e uma das suas culturas o samba. Samba como um local violento, porque quando citado no jornal é como pano de fundo para falar sobre alguma ocorrência de violência assassinato ou ainda sinônimo de desordem, como perturbação da paz dos moradores.

3 – Considerações finais

A análise das fontes nos proporcionou a demonstração de que, já na década de 1830-1839, o samba possuía uma complexa rede de significados e circulação nos periódicos, demarcando, em nosso prisma, sua existência enquanto prática de divertimento na sociedade do período.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D.'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas—uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, v. 52, p. 397-419, 2021.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CAMARGO, Amilton Carlos. A naturalização do preconceito na formação da identidade do afro-descendente. **ECCOS—Revista Científica**, v. 3, n. 1, p. 75-92, 2001.

Pinto, Mércia. Pastoril: um musical brasileiro. **Revista de Ciências Sociais**. V. 33, N. 2, 2002

TUMA, Said. O Popular na Música de Alexandre Levy (1864-1892): Um indício de modernidade. **Revista eletrônica de musicologia**, v. 12, 2009.

TUMA, Said. **O nacional e o popular na música de Alexandre Levy: bases de um projeto de modernidade**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História: revista do programa de estudos pós-graduados de história**, v. 4, 1985.

Lazer na era da Inteligência Artificial: reflexões iniciais sobre o aplicativo “Replika”

Andreza Gonzalez Rodrigues Mota²⁹
Universidade Federal de Minas Gerais

1. Introdução

Em tempos em que ser virtual e tecnológico são características cada vez mais inerentes a sociedade, a adoção do uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC's) nos contextos culturais, econômicos, pedagógicos e sociais se tornam proporcionalmente cada vez mais frequentes.

Nesse contexto, reflexões realizadas por alguns estudiosos, como Pierre Lévy (1999) e Manuel Castells (2004) apontam o condicionamento e a influência que as tecnologias, em suas variadas formas, impactam nas aceleradas alterações no cotidiano das pessoas, nas maneiras de pensar e conviver, e, conseqüentemente, na história da humanidade.

Corroborando com o pressuposto, o conceito de “modernidade líquida” (Bauman, 2000) por exemplo, coloca em pauta a transição de um estado considerado sólido, ordenado, racional, previsível e relativamente estável para um mundo volátil, incerto, fluído e instável.

²⁹ Acadêmica do Doutorado em Estudos do Lazer da UFMG. Bolsista FAPEMIG.

Contemporizando a modernidade líquida, a chamada “pós-humanidade” surge, por sua vez, nos provocando frente as características que nos circundam atualmente, tais quais a velocidade instantânea de substituições e compartilhamentos, a volatilidade das ações, e a quase onipresença do ser humano. E, como caracterização dessa pós-humanidade, Veen e Vrakking (2009) trazem uma analogia sobre a transição do termo *Homo Sapiens* para *Homo Zappiens*.

Nessa conjuntura, se faz necessário percebermos que há uma abolição sistemática e geral das fronteiras entre as tecnologias, entre as linguagens e sobretudo, entre as diferentes formas de realidade, o que repercute em todas as esferas, inclusive no lazer. No presente exposto, o lazer “implica produção de cultura – no sentido de reprodução, construção e transformação de práticas culturais vivenciadas ludicamente por pessoas, grupos, sociedades e instituições” (Gomes, 2011, p. 34), composto de acordo com as peculiaridades do respectivo contexto sociocultural e histórico no qual se passa.

Com a perspectiva da virtualidade, inclusive envolvendo o lazer, adentramos uma nova etapa histórica, a qual tem, para a humanidade, grandes repercussões sociais e onde se comprova esse caminhar dialético entre o inteligível e o sensível, caracterizado no novo processo de re-

criação da realidade cultural vigente (Schwartz, 2003, p.30).

Seja “lazer virtual” (Schwartz, 2003), *e-leisure* (Caldwell, 2013), “*liquid leisure*” (Bouwer; Van Leeuwen, 2015), “*metaleisure*” (Bayram, 2022) entre outras, as propostas de atualização do conceito de lazer no contexto histórico vigente destacam a gama de opções oferecidas; as mudanças de percepções de tempo-espaço; o amplo poder de acesso, criação, gerenciamento e distribuição de informações.

Em uma linha tênue entre protagonismo e dominação, entre passividade e ação, a dimensionalidade e descentralização caracterizam as experiências de lazer atuais. E, sendo assim, porque não explorar um pouco mais sobre tais transformações? Afinal, por mais que estejamos imersos no contexto mencionado anteriormente, será que é dado a devida relevância dessa temática no âmbito dos Estudos do Lazer? E quanto as pesquisas sobre história do Lazer, não deveriam estar voltadas também para reflexões de questões contemporâneas? O que as mudanças ocorridas com a chegada da Transformação Digital impactam sobre o que se entende e como se vivencia o Lazer?

A popularização dos *smartphones* - considerados computadores de bolso - e os seus respectivos aplicativos móveis

(também conhecidos como “apps” – do inglês “application”) que podem ser acessados 24 horas por dia entre a população mundial podem trazer a luz alguns destes questionamentos, como, por exemplo, através de uma análise aprofundada acerca do aplicativo “Replika”.

2. O aplicativo “Replika”

“IA: cresce o número de jovens que namoram e conversam com a tecnologia; psicólogos avaliam a nova tendência”. Era manhã do dia quatorze de setembro de 2023, quando, ao acordar, assim como o de costume, ao abrir os olhos – antes mesmo de me hidratar ou me benzer – pego o *smartphone* para me atualizar sobre as notificações das redes sociais e logo me deparo com o referido título da notícia. O alarde faz referência aos supostos perigos e benefícios que as interações ofertadas por meio de avanço dos *chatbots* de Inteligência Artificial³⁰ podem gerar, em especial para os jovens, cuja a

³⁰ Disciplina científica que utiliza as capacidades de processamento de símbolos da computação com o fim de encontrar métodos genéricos para automatizar atividades perceptivas, cognitivas e manipulativas. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luis-Pereira-25/publication/237130636_Inteligencia_Artificial_Mito_e_Ciencia/links/00463527ca46b52079000000/Inteligencia-Artificial-Mito-e-Ciencia.pdf.

Acesso em: 25 fev. 2024.

imersão com a ludicidade parece ser fator atrativo para a disseminação de sua prática.

Desperta-se assim minha curiosidade sobre o assunto. Prontamente busco mais informações sobre a nova tendência, o grande causador do burburinho: o aplicativo chamado “Replika”. “Você namoraria uma IA? Isso está ficando mais comum”, assim era intitulada a segunda matéria jornalística que encontro sobre a temática, que, por coincidência ou técnica de *marketing*, fora publicada na mesma data da reportagem anterior, cerca de oito horas após, por outro canal midiático. Neste momento, ainda mais instigada sobre o tema, se torna vibrante a vontade de aprofundar, primeiramente, acerca do aplicativo. Afinal, o que é “Replika”?

Criar histórias juntos, uma companhia para conversas, para realizar atividades divertidas e relaxantes, para compartilhar experiências da vida real em realidade aumentada: aplicativo publicamente lançado em 2017, “Replika”, disponível para Android e IOS, possibilita a relação humano-inteligência artificial. Após baixarem nos dispositivos móveis, seus usuários podem criar seus próprios “Replikas”, “atribuem-lhes um avatar, um nome, gênero e cor de pele e os “treinam” para responder às

suas necessidades” (Depounti; Saukko; Natale, 2023, tradução nossa).

Pentina e Xie (2022, tradução nossa) após analisarem o uso do “Replika” sugerem que os *chatbots* sociais podem ser usados para fins terapêuticos e de saúde mental, mas têm o potencial de causar dependência e prejudicar relacionamentos íntimos na vida real”. Laestadius *et al.* (2022, tradução nossa) por sua vez, identificaram fatores sociais e tecnológicos que promovem paralelos entre as interações humano-*chatbot* e humano-humano.

“A literatura emergente sobre mecanismos e consequências de desenvolvimento de relacionamento humano-IA ainda é escassa, fragmentada por contextos, limitada em métodos e inconsistente em resultados” (Pentina; Hancock; Xie, 2023, tradução nossa), e a presente proposta pode vir a ser um relevante esforço para contribuição de superação desses obstáculos.

3. Considerações Finais

Por fim, este ensaio se trata de uma proposta ainda em andamento, que tem como objetivo geral incitar reflexões sobre as transformações históricas recentes do Lazer e sua ligação com a era da Inteligência Artificial, através da análise do aplicativo

“Replika”, por meio de revisão bibliográfica acerca de publicações realizadas sobre o mesmo.

A relevância da referida temática pode ser justificada em diversas esferas, dentre elas: suprir a carência em produções nacionais sistemáticas acerca da ligação entre o lazer e a Transformação Digital; explorar sobre as relações entre humanos e Inteligência Artificial, sobretudo no que tange as experiências de lazer; trazer em pauta sobre a importância das pesquisas do Lazer, inclusive as históricas, refletirem sobre inquietações da época vigente; ao passo que também tem poder de subsidiar consideráveis informações dos cenários social, econômico, cultural e político, para compreensão e debate dos modos de funcionamento e alterações da própria sociedade atual.

Referências

BAUMAN, Z. Liquid modernity. **Cambridge: Polity Press**, 2000.

BAYRAM, A. Metaleisure: leisure time habits to be changed with metaverse. **Journal of Metaverse**, v. 2, n. 1, p. 1-7, 2022.

BOUWER, Johan; VAN LEEUWEN, Marco. The meaning of liquid leisure. In: **Routledge handbook of leisure studies**. Routledge, 2013. p. 584-596.

CALDWELL, L. L. Are we there yet? Finite curves and E-leisure. **Loisir et Société/Society and Leisure**, v. 35, n. 1, p. 21-29, 2012.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. **Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa**, 2004.

DEPOUNTI, Iliana; SAUKKO, Paula; NATALE, Simone. Ideal technologies, ideal women: AI and gender imaginaries in Redditors' discussions on the Replika bot girlfriend. **Media, Culture & Society**, v. 45, n. 4, p. 720-736, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/01634437221119021>. Acesso em: 29 fev. 2024.

GOMES, Christiane L. Lazer e Formação Profissional: Saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, Janice L.M.; GOMES, Christiane L.; ELIZALDE, Rodrigo (Org.). **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**. Belo Horizonte: SESC/Otium, 2011, p. 34.

LAESTADIUS, Linnea et al. Too human and not human enough: A grounded theory analysis of mental health harms from emotional dependence on the social chatbot Replika. **New Media & Society**, p. 14614448221142007, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14614448221142007>. Acesso em: 29 fev. 2024.

LÉVY, Pierre. Ciberultura. **São Paulo: Editora 34**, 1999.

PENTINA, Iryna; HANCOCK, Tyler; XIE, Tianling. Exploring relationship development with social chatbots: A mixed-method study of replika. **Computers in Human Behavior**, v. 140, p.

107600, 2023. Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563222004204>. Acesso em: 29 fev. 2024.

POSSATI, Luca M. Psychoanalyzing artificial intelligence: The case of Replika. **Ai & Society**, v. 38, n. 4, p. 1725-1738, 2023. Disponível em:
<https://link.springer.com/article/10.1007/s00146-021-01379-7>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. Homo Zappiens: educando na era digital. **Artmed Editora**, 2009.

Relações entre a historiografia do Lazer e dos Esportes na produção do Programa De Pós-Graduação em Estudos do Lazer da UFMG (2016-2022)

Bernardo Jordano Gomes³¹
Universidade Federal de Minas Gerais

1.Introdução

Na segunda metade do século XX, especialmente a partir das décadas de 1960 a 1980, o campo dos estudos do Lazer no Brasil passou por um processo de desenvolvimento, a partir de iniciativas de grupos de pesquisadores e pesquisadoras brasileiros e estrangeiros. No ano de 1988, o Lazer entra na agenda pública após sua inserção enquanto direito social, na Constituição Federal de 1988.

No âmbito da produção de conhecimento voltada aos estudos do lazer, notamos como um marco o advento de um programa de pós-graduação acadêmico específico em Estudos do Lazer,³² o PPGIEL, na Universidade Federal de Minas Gerais – inicialmente no nível de Mestrado, a partir de 2006, e a partir

³¹ Esta pesquisa contou com a colaboração de Danilo Ramos, doutorando em Estudos do Lazer, pela UFMG.

³² Destacamos também outras instituições importantes que tinham o Lazer como foco de estudo como o CELAZER, do SESC-SP e o CELAR, da PUC-RS.

de 2012, com o curso de Doutorado. Uma das três linhas de pesquisa do programa é a linha 2, “Memória e História do Lazer”, que conta com a seguinte ementa:

Estudos interdisciplinares sobre o lazer em diferentes tempos históricos e localidades, desenvolvidos a partir das múltiplas possibilidades teóricas e metodológicas da História e/ou dos Estudos da Memória. Investigações que considerem as práticas de diversão - institucionalizadas ou não - como fatos sociais articulados com os aspectos econômicos, políticos e culturais de um contexto histórico específico. [...] (EEFFTO/UFMG, 2023)

Neste estudo, buscaremos entender a forma em que os esportes foram retratados nas pesquisas desta linha. Compreendendo o lazer como um campo ainda recente e em desenvolvimento, é sugerido que uma dissociação entre o Lazer e o Esporte - ou seja, uma autonomia daquele em relação a este – pode, inclusive, ser prejudicial para a sua formação. Marcellino (2008) aponta para um paradoxo entre a autonomia que é buscada pelos teóricos do Lazer em relação a outros campos e a fragilidade do campo ao ser desagregado. Esta discussão se dá, sobretudo, no âmbito das políticas públicas de esportes e lazer, entretanto, podemos conjecturar que o mesmo poderia ser

discutido quanto às particularidades da produção de conhecimento.

Este estudo, portanto, pretende compreender quais foram as teses, produzidas na linha 2 do PPGIEL, que tiveram nos esportes sua centralidade ou os tenha compreendido indiretamente, a fim de apontarmos indícios e características sobre esta relação.

2. Metodologia

Será feita uma análise das teses defendidas no curso de Doutorado do programa, que teve a sua primeira defesa no ano de 2016. A busca será executada no repositório do *site* do programa³³, filtrados pelos trabalhos defendidos na Linha “Memória e História do Lazer”.

Posteriormente, a partir dos títulos, resumos e palavras-chave, faremos uma análise quantitativa de quantas pesquisas se ativeram em pesquisar os esportes, direta ou indiretamente. Por fim, será feita uma breve avaliação de seus conteúdos para que

33

Disponível

em

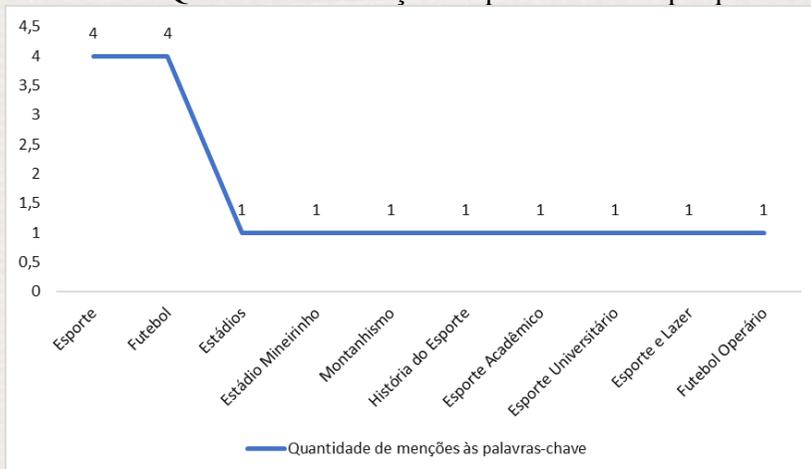
http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/defesas.

possamos apontar alguns indícios que reflitam sobre nosso objetivo.

Foram encontradas no repositório 21 teses defendidas na Linha 2 do PPGIEL, tendo sido a primeira defendida em Maio de 2016 e a última em Janeiro de 2023. Nestas, 10 mencionaram em seus títulos vocábulos próximos ao campo semântico da palavra esporte (“estádios”, “futebol”, “montanhismo”, “esportiva”, “hábitos físico-esportivos”, “circuitos futebolísticos” e, evidentemente, o próprio “esporte”). Destacamos as palavras próximas ao futebol, com 5 menções (incluindo a palavra “estádios”).

Dentre as palavras-chave destas pesquisas, 11 utilizavam pelo menos um vocábulo atrelado aos esportes, configurados como apresenta o gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Quantidade de menções às palavras-chave pesquisadas



Fonte: Elaboração dos autores.

Além das 11 pesquisas que continham vocábulos inerentes ao esporte no título ou nas palavras-chave, houve uma que mencionou o “esporte” em seu resumo. Assim, dentre as 21 pesquisas encontradas, 12 mencionam o esporte em toda sua amplitude - seja no título, nas palavras-chave ou no resumo. Portanto, temos um percentual de 57,14% dentre o total de pesquisas encontradas.

Tabela 1- Teses do PPGIEL relacionadas aos Esportes

Título:	Autor(a):	Ano de defesa:	Onde são mencionados:
A HISTÓRIA DO ESPORTE NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO DE 1905 A 1930	Vitor Pessoa	2022	No título, nas palavras-chave e no resumo.
DIVERSÃO EM JUIZ DE FORA (MG): carnaval e futebol sob as lentes da Carriço Filme (1934-1956)	Romilda Lopes	2021	
PELOS VAPORES E TRENS, DO HIPÓDROMO AO STADIUM: esporte e lazer em Feira de Santana-BA (1875-1922)	Fábio Nunes		
LAZER, MERCADO DO ENTRETENIMENTO E CIRCUITOS FUTEBOLÍSTICOS NOS SERTÕES DE MINAS GERAIS, 1888-1925	Daniel Amaral	2020	
O TORCER NO FUTEBOL: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE OS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE NICK HORNBY	Eduardo Fontes		

(ARSENAL) E GRANT FARRED (LIVERPOOL)			
A CAPITAL DOS ESPORTES: Poder, idealismo e hábitos físico-esportivos no surgimento de Goiânia (1930-1945)	Jean Carlo Ribeiro		
MINEIRINHO, DOS PLANOS AO CONCRETO: memória e história do Palácio dos Esportes de Belo Horizonte (1959-1980)	Luciana Costa	2019	
O MONTANHISMO NO RIO DE JANEIRO: eugenia, higienismo e a febre esportiva, c.1900-1920	Tauan Maia		
VILLA NOVA ATHLETIC CLUB: HISTÓRIAS DO FUTEBOL OPERÁRIO EM MINAS GERAIS (1908 - 1952)	Roberto Kanitz	2017	
DO PRADO AO MINEIRÃO: a história dos estádios na capital inventada	Georgino Jorge de Souza Neto	2017	
HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE DIVERSÃO EM CATAGUASES - MG: indícios a partir do Jornal Cataguazes (1906 a 1930)	Priscila Soares	2021	Nas palavras-chave e no resumo.
UMA HISTÓRIA DO CONCEITO DE DIVERTIMENTO NA SÃO	Flávia Santos	2017	Apenas no resumo.

PAULO DO SÉCULO XIX (1828-1889)			
------------------------------------	--	--	--

Fonte: Elaboração dos autores.

3.Resultados

Soares *et al* (2020) analisam a produção científica desta linha e apontam para uma ênfase dada à dimensão física do lazer nas dissertações e teses. Além disso, apresentam que a formação de dois, entre os três professores que mais orientaram pesquisas nesta linha até o período da pesquisa eram graduados em Educação Física³⁴.

Dentre as teses que listamos, notamos que 5 abordaram o futebol. Cabe destacar a importância deste fenômeno também no campo dos estudos do lazer. Autores como Caldas (1986) apontam para a complexidade do futebol em diversos âmbitos da sociedade, seus sentidos e causas. Estes trabalhos reforçam as diferentes formas em que o futebol está presente no cotidiano, podendo ser atravessado pela ludicidade, o lazer e como elemento constituinte da cultura, como aponta Melo (2014). Cabe destacar que o “torcer” também fez parte do horizonte das análises aqui indicadas.

³⁴ São eles Victor Melo e Cleber Dias.

4.Considerações finais

A partir dos resultados encontrados em conjunto à discussão teórica sobre a relação do campo do Lazer e dos Esportes, notamos uma relação abundante entre estes dois campos também na pesquisa histórica, com mais da metade das teses analisadas contando com menções diretas ou indiretas aos conceitos próximos ao campo semântico do esporte em seus títulos, palavras-chave e resumos.

Esta relação parte de questões mais objetivas como a proximidade do campo dos Estudos do Lazer em relação à Educação Física ou mais amplas, que compreendem a complexidade do fenômeno esportivo como um elemento intimamente ligado à cultura.

Ademais, é essencial que compreendamos os discursos do campo acadêmico do lazer que prezam por uma autonomia deste em relação ao “mundo esportivo”. Partimos do pressuposto que esta relação nos ajuda a compreender melhor o objeto do lazer, de forma que esta dissociação seja, em determinado ponto, negativa para o desenvolvimento do campo – mais consolidado do que há alguns anos, mas ainda em processo de consolidação.

Este é um estudo em estágio inicial, carecendo de análises mais aprofundadas, mas que já nos aponta um rumo.

Assim, podemos pensar na associação das pesquisas históricas em esportes-lazer em que cada um destes campos, com suas particularidades, deverão ser mais bem compreendidos quando relacionados.

Referências

CALDAS, Waldenir. O futebol no país do futebol. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 3, n. 2, p. 24–30, dez. 1986.

EEFFTO/UFMG. **Linhas de Pesquisa**. Disponível em: http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/linhas_pesquisa. Acesso em: 15 Set 2023.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Políticas Públicas de Lazer**. Campinas, Alínea, 2008.

MELO, Victor Andrade de. Futebol, lazer e práticas lúdicas. **Cienc. Cult. [online]**. 2014, vol.66, n.2, pp. 35-38, 2014.

SOARES, Priscila Gonçalves; NUNES, Fabio Santana; RIBEIRO, Jean Carlo; COSTA, Thiago Carlos. Linha de Pesquisa “História e Memória do Lazer” do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG: produção e análise. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.3, set, 2020.

O teatro em Rio Branco (Acre) – 1918 a 1927³⁵

Joyce Corrêa³⁶

Universidade Federal de Minas Gerais

Figurou a cena da história da cidade de Rio Branco as peças teatrais, semelhante a outros acontecimentos no ramo das diversões, tinham comumente alguns pretextos para serem realizadas, a exemplo, datas importantes, homenagem a governantes ou comemorações. Diferentemente do cinema que continha um espaço específico para acontecer, as peças teatrais não tinham um lugar exclusivo, às vezes eram encenas no cinema Eden, outras vezes no teatro do Grupo Escolar, e com uma frequência esporádica.

Chegou-se a organizar na cidade o Grupo Dramático União, por volta de 1914³⁷, e o Grupo Dramático Rio Branco por volta de 1918³⁸. Ambos tinham como integrante Alfredo Mendes, porém estes grupos tiveram vida curta, e logo

³⁵ Texto adaptado da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG. Intitulada História das diversões em rio branco, 1918 – 1927. Defendida em 2019 e financiada pela CAPES.

³⁶ Doutoranda no Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG.

³⁷ **Folha do Acre**, Rio Branco, 12 de junho de 1914, n. 157, p. 3.

³⁸ Folha Social. **Folha do Acre**. Rio Branco, 03 de janeiro de 1918, n. 219, p. 3.

desapareceram. Os grupos teatrais parecem ter durado menos de um ano, com duas ou três notícias nos jornais e apenas duas ou três apresentações. Conforme a nota “realizou-se mais um espectáculo promovido pelo Grupo Dramático Rio Branco, sendo levado a efeito a scena o drama em dois actos “Os espíões na guerra”, da autoria do sr. Alfredo Mendes”³⁹.

Em 1918 foi realizado “mais um concorrido espectáculo em beneficio das inteligentes artistas italianas Olga dela Massa e Gilona Faledra, no qual tomou parte a sra. Antonia Brandão”⁴⁰. Em favor do hospital Augusto Monteiro executaram “um grande espectáculo theatral, com a *reprise* da encantadora pastoral – “O Natal”, que obteve brilhante sucesso na primeira apresentação”⁴¹.

Além do Grupo Escolar, o Eden Cinema recebeu algumas peças teatrais. “Realizou-se conforme anunciamos, o segundo espectáculo promovido pelo festejado maestro J. Scipião”⁴². A notícia seguiu exaltando o amplo salão do Eden, que seria “o que

³⁹ Theatro Rio Branco. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1918.

⁴⁰ Theatro Rio Branco. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de fevereiro de 1918, n. 224, p. 1.

⁴¹ Na ribalta. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de janeiro de 1920, n. 295, p. 2.

⁴² Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

de mais representativo”⁴³ teria a cidade. O espetáculo contou ainda com a presença do prefeito e com “quase todas” as famílias de Rio Branco⁴⁴.

No ano seguinte o salão do Eden sediou mais um espetáculo, o festival artístico da cantora Antonia Brandão. Desta vez em homenagem a Epaminondas Jacome, o primeiro governador do Território⁴⁵. Em 1922, Antonia Brandão auxiliada pelo maestro Scipião e por Josephina Lima realizaram no salão do Eden “a comedia *Emfim Sós*”⁴⁶. De acordo com o programa do espetáculo, terminaria com uma “apoteose em honra ao dr. Arthur Bernardes, presidente proclamado da Republica”⁴⁷. A artista Antonia Brandão, além de encenar peças teatrais, realizou na cidade, festivais artísticos. Em 1918 nos salões do Smart Club, que foi “gentilmente cedidos pelos seus proprietarios”⁴⁸ a artista cançonetista espanhola Maria Alonso, de passagem pela

⁴³ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

⁴⁴ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

⁴⁵ Festival Antonia Brandão. **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de junho de 1921, n. 364, p. 2.

⁴⁶ Festas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de agosto de 1922, n. 422, p. 2.

⁴⁷ Festas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 10 de agosto de 1922, n. 424, p. 2.

⁴⁸ Festival Artístico. **Folha do Acre**. Rio Branco, 25 de abril de 1918, n. 235, p. 2.

cidade, junto com Antonia Brandão realizaram um festival artístico⁴⁹.

Outra parceria recorrente de Antonia Brandão era o maestro J. Scipião, juntos realizaram o Festival Scipião. “A festa realizou-se no “Eden Cinema” sendo magnificamente desempenhado o programma”⁵⁰. Scipião também promoveu outros festivais na cidade, “realizou-se no Eden, ante hontem, o festival de Xico Coringa e Zé Scipião”⁵¹. De acordo com a descrição no programa constou “o espectáculo, da burleta *Casamento Seccundario*, do vaudiville *Trumpho é Páu!*, e de um selecto acto de variedades”⁵².

No mesmo ano (1920), movimentou Rio Branco o Festival de Branca dedicado as moças da cidade e especialmente em homenagem a madame Cunha Vasconcelos, esposa do prefeito⁵³. De forma geral, os festivais não fugiam ao habitual, sendo realizados por algum motivo maior. Como o festival em

⁴⁹ Folha Social. **Folha do Acre**. Rio Branco, 02 de maio de 1918, n. 236, p. 3.

⁵⁰ Festival Scipião. **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de março de 1922, n. 405, p. 2.

⁵¹ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco 01 de julho de 1920, n. 318, p. 2.

⁵² Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco 01 de julho de 1920, n. 318, p. 2.

⁵³ Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 27 de maio de 1920, n. 314, p. 3.

benefício o hospital Augusto Monteiro, que ocorreu na Praça Tavares de Lyra, em Penápolis⁵⁴. O quadro e o gráfico a seguir apresentam um panorama geral das peças teatrais e a frequência com que aconteceram dentro do recorte temporal:

Figura 1: Quadro de apresentações teatrais ocorridas entre os anos de 1918 a 1927.

Título	Local	Autoria	Atores	Ano
Espiões da guerra	Teatro Rio Branco	Alfredo Mendes	Alfredo Mendes	1918
Espectáculo de Olga dela Massa	Teatro Rio Branco	Olga dela Massa e Gilona Faledra	Olga dela Massa, Gilona Faledra e Antonia Brandão.	1918
O Natal	Grupo Escolar	Mm. Machado	Alfredo Mendes	1920
Espectáculo leve	Eden	J. Scipião	J. Scipião	1920
Amor em Xapury	Eden	J. Scipião	J. Scipião Graça Scipião, Branca Scipião, Fatinha Guedes e Xico Coringa	1920
Casamento Secundario	Eden	Xico Coringa e Zé Scipião	Xico Coringa e Zé Scipião	1920

⁵⁴ Festival em benefício ao hospital. **Folha do Acre**, Rio Branco, 26 de agosto de 1920, n. 325, p. 2.

Um Padre sacudido	Eden	Irmãos Coringa e Alfredo Mendes	Irmãos Coringa e Alfredo Mendes	1920
O bígamo	Eden	Frestran Bernard	Graça Scipião, Branca Scipião, José Scipião, Alfredo Mendes e Xico Coringa	1920
Delegacia encrocada	Eden		Branca Scipião, Alfredo Mendes e Xico Coringa	1920
Festival Artístico	Eden	Antonia Brandão	Antonia Brandão	1921
O meu casamento	Eden	Alfredo Mendes	Alfredo Mendes, Antonia Brandão e Xico Coringa	1921
Emfim Sós	Eden	Antonia Brandão	Roberto Scipião, Josephina Lima e Antonia Brandão	1922
Espetáculo Musical	Eden		Frontino Santiago	1925
Variedades	Eden		Dario Letona, Tuler e Pedro Pereira	1927

Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 1: Frequência de apresentações teatrais entre os anos de 1918 a 1927.



Fonte: Elaboração própria.

Os espetáculos, em sua maioria, eram denominados de “variedades”, haviam peças cômicas e musicais. As notícias do teatro eram curtas e objetivas, apenas anunciavam o programa do espetáculo. Entre 1918 a 1927 foram noticiados 14 espetáculos, sendo que deste, 11 foram apresentados no Eden-Cinema (PEREIRA, 2002). E de 1918 a 1921, seis dessas peças tiveram a autoria ou atuação de Alfredo Mendes – figura importante na promoção do teatro e do cinema na cidade.

Referências

PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

Fontes

Festas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de agosto de 1922, n. 422, p. 2.

Festas. **Folha do Acre**, Rio Branco, 10 de agosto de 1922, n. 424, p. 2.

Festival Antonia Brandão. **Folha do Acre**, Rio Branco, 16 de junho de 1921, n. 364, p. 2.

Festival Artístico. **Folha do Acre**. Rio Branco, 25 de abril de 1918, n. 235, p. 2.

Festival em benefício ao hospital. **Folha do Acre**, Rio Branco, 26 de agosto de 1920, n. 325, p. 2.

Festival Scipião. **Folha do Acre**, Rio Branco, 30 de março de 1922, n. 405, p. 2.

Folha do Acre, Rio Branco, 12 de junho de 1914, n. 157, p. 3.

Folha Social. **Folha do Acre**. Rio Branco, 02 de maio de 1918, n. 236, p. 3.

Folha Social. **Folha do Acre**. Rio Branco, 03 de janeiro de 1918, n. 219, p. 3.

Na ribalta. **Folha do Acre**. Rio Branco, 10 de janeiro de 1920, n. 295, p. 2

Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco 01 de julho de 1920, n. 318, p. 2.

Na tela e nos salões. **Folha do Acre**, Rio Branco, 27 de maio de 1920, n. 314, p. 3.

Na tela e nos salões. **Folha do Acre**. Rio Branco, 20 de maio de 1920, n. 313, p. 2.

Theatro Rio Branco. **Folha do Acre**, Rio Branco, 03 de janeiro de 1918.

Theatro Rio Branco. **Folha do Acre**. Rio Branco, 07 de fevereiro de 1918, n. 224, p. 1.

Depois do Maxixe: indícios da dança samba de gafeira no Rio de Janeiro da primeira metade do século XX⁵⁵

Aline dos Santos Paixão⁵⁶
Universidade Federal de Minas Gerais

1 – Introdução

O costume de dançar a dois em um salão, em pares enlaçados e independentes uns dos outros, com fins de sociabilidade, é uma prática de lazer amplamente difundida no mundo inteiro. No entanto, é necessário esclarecer que a prática é múltipla e diversa, variando com os tempos e os lugares e, principalmente, com os marcadores de raça e de classe. Exemplos conhecidos de estilos de danças de salão – entre outras – são a valsa, o bolero, a salsa, o tango, a lambada, o forró, e, o samba de gafeira, dança que será objeto desse estudo. O samba de gafeira é um estilo de dança de salão bastante praticado no Brasil e que foi se configurando por volta do início dos anos 1930 na cidade do Rio de Janeiro. Sua origem tem relação com

⁵⁵ Pesquisa de Doutorado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

⁵⁶ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG (PPGIEL). Mestre em História, Políticas e Bens Culturais pela FGV-Rio. Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará (UFC). paixaosantos.aline@gmail.com

o maxixe – dança, música e lugar de baile popular; com o desenvolvimento do gênero musical samba; e, com os bailes populares de entrada paga, denominadas de gafieira. O surgimento dessa dança também tem relações com os discursos sobre identidade nacional e consolidação de uma cultura representativa da nação, presentes nas primeiras décadas do século XX no Brasil.

Não são muitas as pesquisas sobre essa dança específica, o trabalho de São José (2005) foi a primeira obra acadêmica que encontramos que se debruça sobre o tema e tem o propósito de investigar as transformações ocorridas na dança e nos bailes desde 1980 até 2005, com o intuito de compreender como a tradição é tratada na contemporaneidade. A autora conclui que o samba de gafieira é produto de raízes europeias e africanas e que atualmente é um fenômeno genuinamente carioca, ocupando o lugar de entretenimento desde a sua origem. A tese de Veiga (2011), por sua vez, realiza um mergulho profundo na história da Gafieira Estudantina, reconstruindo o seu ambiente urbano através do tempo. Veiga identifica que as gafieiras se configuram como espaços de encontro e articulação entre diferentes grupos sociais dentro do contexto de divertimento urbano ligado à metrópole carioca. Os historiadores

e educadores Lopes e Simas (2015), que investigam a cultura popular das ruas da cidade do Rio de Janeiro, dedicam alguns verbetes ao assunto em sua obra *Dicionário da História Social do Samba*:

GAFIEIRA. Espécie de casa noturna onde se realizam bailes com entrada paga e música orquestral. Outrora era frequentada basicamente por um público específico, amante da dança, mas de baixo poder aquisitivo, como os componentes das antigas escolas de samba. [...] A partir da década de 1960, tornando-se um modismo, as gafieiras passaram a ter frequência mais eclética, incluindo pessoas de classe média alta. *Samba de Gafieira* – A modalidade de dança popularmente mencionada como “samba de gafieira” é aquela em que o par dançante executa figurações semelhantes às do ancestral maxixe, interpoladas a outras como “bicicleta”, “cruzado”, “pião”, “puladinho” etc., além de algumas mais, inclusive adaptadas do tango argentino [...]. (LOPES & SIMAS, 2015, p. 137)

Nessa, e em outras definições sobre maxixe e samba de gafieira, percebemos a relação intrínseca entre essas duas danças. O maxixe foi a primeira dança de par enlaçado que surgiu no Brasil, com influência das diversas culturas que aqui convergiam no final do século XIX (Efegê, 1974; Sandroni, 2001; Topine, 2021). O maxixe representou uma revolução nas danças executadas nos salões da cidade, pois antes de seu

surgimento, as danças de salão em voga eram as de base europeia – a exemplo da valsa e da polca – que tiveram grande repercussão no Rio de Janeiro. O advento de uma dança como o maxixe que possuía fortes marcas da cultura afrodiaspórica em seus elementos fundamentais, como o requebrar na coreografia e a síncope na estrutura musical (Sandroni, 2001; Topine, 2021) representou uma virada cultural nos salões de dança. Esse fenômeno estava inserido dentro de um contexto maior, no qual vários países das américas, nos seus processos de independência e construção do ideário de suas identidades nacionais, elegiam alguns elementos culturais considerados “modernos” para representá-los.

Vários autores apontam que após o declínio do maxixe, no início dos anos 1930, o samba herdou muito de sua estrutura, tanto na música como na dança (Efegê, 1974; Sandroni, 2001; Topine, 2021); no entanto, quase não existem registros de como se deu essa mudança. A maioria dos trabalhos sobre o tema, se debruçam sobre o maxixe, encerrando suas investigações com as evidências de saída de cena do maxixe. Grande estudioso do assunto, Felipe Berocan Veiga (2011), em sua tese, admite que o tema samba de gafieira só vai voltar a receber atenção a partir dos anos 1960, com uma tendência a um resgate da cultura

boêmia da Lapa. Em pesquisa preliminar na Hemeroteca Digital Brasileira, a primeira vez que o termo “samba de gafieira” (junto e composto) aparece em um jornal é em 1945. Portanto, é evidente que existe uma lacuna temporal a ser investigada. Sabemos que os acontecimentos no campo da cultura não sucedem um depois do outro, de forma subsequente e organizada. À vista disso, é provável que o maxixe e o samba tenham sido apreciados simultaneamente como danças de salão nos divertimentos populares, no entanto, o nosso questionamento é: como o cenário cultural, social e político vigente no período permitiu que uma dança desaparecesse e a outra persistisse até os dias atuais? Que símbolos estavam em disputa?

Diante do exposto, as questões que instigam essa pesquisa de doutorado em andamento, são: quais danças de salão aparecem como síncronas ou assíncronas ao maxixe na primeira metade do século XX na cidade do Rio de Janeiro? Quais nomenclaturas se usavam para designar essas danças? Em que momento e em que contexto passaram a se chamar samba de gafieira? Quais foram as influências sociais, culturais e políticas do período que permitiram as mudanças de nomenclatura e possivelmente das músicas que animavam os bailes e da

coreografia executada? Portanto, o objetivo geral deste trabalho é identificar os indícios, vestígios e rastros da dança de salão conhecida como samba de gafieira na primeira metade do século XX na cidade do Rio de Janeiro. Os objetivos específicos são: a) analisar como os elementos anteriores à dança samba de gafieira (1) maxixe, (2) samba carioca – ou samba moderno e (3) gafieira – casa de dança, estão dispostos no cenário cultural da cidade do Rio de Janeiro a partir dos anos 1900 até início dos anos 1930; b) investigar o período a partir do início dos anos 1930, indicado por vários autores como surgimento do samba de gafieira até o ano de 1945, que é quando de fato, aparece o primeiro registro do termo nas fontes jornalísticas; c) compreender qual a trajetória dessa dança no circuito cultural e comercial carioca, a partir de sua consolidação (1945-1960).

A tarefa de contar uma fração da história de uma dança de salão popular brasileira nos coloca muitos desafios, incluindo o de enxergar além da história que já vem sendo contada, indo de encontro à narrativas hegemônicas. O samba de gafieira constitui uma dança que tem base cultural negra, mas que ainda é explicada muitas vezes como herdeira das danças de salão aristocráticas e de base europeia. Como método, pretendemos seguir pistas, indícios e sinais como recomenda Ginzburg

(1989). Assim, iniciamos nossas buscas pelo termo “gafieira” na Hemeroteca Digital Brasileira, na imprensa da cidade do Rio de Janeiro, no período citado. Alguns resultados preliminares encontrados indicam que o termo “gafieira” aparece pela primeira vez na década de 1910 – período em que o maxixe ainda vigorava como dança da moda – já relacionado ao universo do carnaval, do baile, do salão, da música e da dança. Podemos inferir que o termo “gafieira” não parece novidade no contexto encontrado, pois estava sendo utilizado como gíria. Apesar de tão preliminares digressões, podemos perceber o termo gafieira já relacionado ao universo do baile, da música e da dança desde o ano de 1917.

Referências

EFEGÊ, Jota. **Maxixe, a Dança Excomungada**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009 [1974].

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Nei & SIMAS, Luiz A. **Dicionário da História Social do Samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SÃO JOSÉ, Ana Maria de. **Samba de Gafieira: corpos em contato na cena social carioca**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Salvador: PPGAC/UFBA, 2005.

Topine, Matheus P. **Os requebros do maxixe: raça, nacionalidade e disputas culturais no Rio de Janeiro (1880-1915)**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021.

VEIGA, Felipe B. **“O ambiente exige respeito”: etnografia urbana e memória social da Gafieira Estudantina**. Tese (Doutorado em Antropologia). Niterói, RJ: PPGA/UFF, 2011.

Cenas Mágicas: A Dinâmica dos Espetáculos de Magia no Oeste de Minas Gerais (1888-1900)

Rosana Daniele Xavier⁵⁷

Universidade Federal de Minas Gerais

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral

Universidade Estadual de Montes Claros

1. Introdução

No dia 14 de janeiro de 1894, um breve anúncio veiculado no periódico *Gazeta de Oliveira*, da cidade homônima, registrou, com algum entusiasmo, a iminente chegada do “afamado mágico” Nicolay Faure, e suas duas “festejadas” filhas, Paula e Rosina, que atuavam como assistentes. A população oliveirense, segundo foi noticiado, preparava-se para recebê-los em dois espetáculos únicos, programados para o sábado, dia 20, e domingo, dia 21, na sala da Câmara Municipal (GAZETA DE OLIVEIRA, 07 de janeiro de 1894, p. 1). Essa excursão artística de Faure pelo Oeste mineiro, que incluiu, além de Oliveira, as adjacentes cidades de Itapeçerica e Pitangui, fazia parte de uma trajetória de apresentações no Brasil iniciada em 1871, quando o mágico francês desembarcou no Rio de Janeiro

⁵⁷ Doutoranda em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa que deu origem a este estudo foi financiada pela CAPES.

(JORNAL DA NOITE, 22 de fevereiro de 1871, p. 1). A partir de então, além do Rio, várias outras localidades, em diferentes pontos do país, a exemplo de Belém, Porto Alegre e São Paulo, foram alvos de turnês (PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 18 de março de 1876; A PATRIA PARAENSE, 05 de agosto de 1894, p. 2). Em Minas Gerais, registros jornalísticos indicam a presença do mágico desde, pelo menos, o ano de 1891, com espetáculos “concorridos” em Juiz de Fora, retornando novamente em 1893, onde passou por Ouro Preto e São João Del-Rei, culminando, finalmente, em sua chegada na cidade de Oliveira (O PHAROL, 22 de janeiro de 1891, p1).

Nos últimos anos, grupos artísticos itinerantes que excursionaram pelo Oeste mineiro, no final do século XIX, receberam alvissareiras incursões investigativas, cujas análises se concentraram nas companhias de circo, teatro e tourada, gêneros mais frequentes e, por isso mesmo, com maior disponibilidade documental (AMARAL; DIAS, 2017; AMARAL; NUNES, XAVIER, 2023; XAVIER; AMARAL, DIAS, 2021). De outra parte, não foram produzidas, ainda, investigações de outros gêneros ambulantes, como a magia, modalidade artística que, embora ocupasse um espaço menor na paisagem social e cultural na oferta comercial de espetáculos, se

fazia presente e angariava repercussões na imprensa, conforme narrado acima, na turnê do mágico francês Nicolau Faure.

A pesquisa ora em tela visa ampliar esse panorama, analisando a dinâmica histórica dos espetáculos de mágica na região do Oeste de Minas Gerais, com ênfase nos eventos realizados na cidade de Oliveira e localidades adjacentes, na última década do século XIX, momento em que encontramos os primeiros registros de turnês de profissionais especializados neste gênero artístico. Especificamente, examinamos as variáveis que podem ter favorecido a presença dos mágicos na região, bem como suas formas de organização dos espaços, bilheterias e repertório lúdico.

2. Fontes e Metodologia

Este estudo trata-se de uma pesquisa documental. A principal fonte mobilizada é o jornal *Gazeta de Oliveira*, fundado em 1887 por Antônio Fernal, um português que se estabeleceu, nessa época, na cidade de Oliveira, após dirigir antes o jornal *O Democrata*, na vizinha cidade de Formiga. Com uma frequência de publicação semanal, circulando sempre aos domingos, essa folha, a partir de 1899, foi renomeado para *Gazeta de Minas*. Neste ano, autodeclarou-se como o "jornal de maior formato e circulação do estado de Minas Gerais"

(GAZETA DE MINAS, Oliveira, 1 de janeiro de 1889, p. 1). Realizamos uma análise abrangente dos exemplares do século XIX, disponíveis no acervo digital do próprio editorial (<https://www.gazetademinas.com.br/file-share>).

Para o preenchimento de lacunas e ampliação da base documental, consultamos, também, exemplares do *Jornal da Noite* (1871), *O Diário do Rio de Janeiro*, *A Província de Pernambuco* (1876), *A Província de São Paulo* (1876), *A Pátria Paraense* (1894), *O Pharol* (1891), e outros jornais da antiga capital Ouro Preto. Busca-se com o cotejamento de tais exemplos mapear e buscar informações de grupos de mágica que chegavam ou partiam para outras localidades, no contexto de suas turnês pelo Oeste mineiro. Esses materiais estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>).

Adicionalmente, utilizamos fontes memorialísticas e documentos oficiais, incluindo recenseamentos, acessíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda (<http://memoria.org.br/>).

Neste estudo, utilizamos o termo "artes mágicas" para designar as performances ilusionistas, prestidigitatórias e mágicas presentes nos espetáculos de grupos ambulantes na

região Oeste de Minas Gerais, na década final do século XIX. Seguimos a definição proposta por Ricardo Harada (2018), que conceitua a magia como uma:

arte performática pela qual um artista realiza acontecimentos impossíveis por meio de ilusões construídas artificialmente e da articulação engenhosa de técnicas secretas muito complexas. Tais técnicas combinam a destreza do prestidigitador, as ferramentas das ciências e tecnologias e as sutilezas da mente humana e suas falhas. Seu objetivo final é causar no espectador o sentimento de espanto e de mistério, diante de um feito impossível ou aparentemente sobrenatural, cuja ocorrência rompe com a lógica e a concepção ordinária de mundo, no território da realidade da vida. (p. 1)

Esta definição serve como base teórica para nossa análise, permitindo uma compreensão aprofundada dos elementos presentes nos espetáculos estudado.

Considerações preliminares

Desde meados do século XIX, o Oeste de Minas Gerais tem sido palco para visitas de companhias itinerantes de arte, com muitos artistas identificados como prestidigitadores, mágicos e ilusionistas integrando essas trupes. (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2019, p. 147) Contudo, nos últimos anos

daquela centúria, observou-se um aumento significativo na frequência de espetáculos que, distanciando-se de suas associações tradicionais com trupes itinerantes, passaram a incorporar, de maneira mais autônoma e frequentemente em configurações individuais ou familiares, atos de magia em seus repertórios. Essa tendência reflete uma evolução no panorama do entretenimento, marcando uma transição para apresentações que, embora mantivessem laços com as artes performáticas coletivas, começaram a privilegiar formatos que permitiam uma expressão mais direta e pessoal da mágica. Em diversas instâncias, registros jornalísticos da época capturaram o entusiasmo e a recepção calorosa do público que frequentava tais apresentações (GAZETA DE OLIVEIRA, 04 de fevereiro de 1894, p. 1).

O ilusionista francês mencionado no início deste texto, Nicolay Faure, embora não tenha sido o pioneiro em exibições mágicas em Oliveira (GAZETA DE OLIVEIRA, 25 de dezembro de 1887, p. 2; GAZETA DE OLIVEIRA, 15 de abril de 1888, p. 4; GAZETA DE OLIVEIRA, 11 de junho de 1893, p. 1), fez questão de solicitar ao seu público que não o “confundisse com outros artistas que haviam se apresentado anteriormente na região” (GAZETA DE OLIVEIRA, 14 de janeiro de 1894, p. 1). De qualquer maneira, Nicolay Faure

destacou-se não apenas por sua destreza e bom comportamento, mas também obteve renome internacional, alcançando muito sucesso em suas apresentações no Brasil (GAZETA DE OLIVEIRA, 14 de janeiro de 1894, p. 2). No primeiro espetáculo realizado em Oliveira prometia realizar o “mais belo e variado espetáculo conhecido até hoje”, com as últimas “criações de Nicolay, em Paris”. O programa se dividia em três partes distintas. A primeira apresentava “novas aparições curiosíssimas, sem aparatos, cenas e experiências inéditas, que renderam ao Dr. Nicolay cartas de felicitações de personalidades importantes da Europa”. Na segunda, destacavam-se “cenas palpitantes de hipnotismo e fascinação humana: O poder da vontade – A sentinela Implacável, Catalepsia – A morta viva, etc.” A terceira parte oferecia “explicações de novas experiências que o espectador aprenderia facilmente, exercícios curiosos pela menina Paula e misteriosas substituições pelas meninas Paula e Rosina”. (GAZETA DE OLIVEIRA, 28 de janeiro de 1894, p. 3).

Na edição de 18 de fevereiro, foi comunicado que, após a realização de alguns espetáculos em Oliveira, o “Dr. Nicolay Faure” prosseguiu, acompanhado de suas “interessantes filhas”, para Itapecerica. Lá, apresentou o primeiro espetáculo com

notável concorrência e aclamação geral, evidenciando sua destacada habilidade artística. A nota ressaltou que, após Itapecerica, planejava realizar dois espetáculos em Pitangui. Posteriormente, retornaria a Oliveira para cumprir a promessa de conduzir um espetáculo beneficente em prol das obras da Igreja do Rosário (GAZETA DE OLIVEIRA, 18 de fevereiro de 1894, p. 1). A ampliação dos ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas, entre os anos de 1887 e 1892, desempenhou um papel crucial na locomoção dos artistas, proporcionando acesso mais rápido, seguro e barato, criando uma espécie de circuito artístico que abrangia tanto centros mais proeminentes, quanto áreas mais remotas. (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2019).

O contexto cultural e social do século XIX, a crescente fascinação pela modernidade e o anseio por entretenimento extraordinário tornaram os espetáculos de mágica especialmente atrativos. Essas apresentações prometiam maravilhamento ao desafiar as leis naturais, alinhando-se aos anseios coletivos por experiências únicas. Conforme apontado por Trusz (2008), esse fenômeno refletia o “gosto comum dos seus espectadores pela ilusão” (p. 42). Além disso, o período em questão testemunhou um incremento no interesse público pela ciência e pelo

ocultismo, temas frequentemente explorados nos espetáculos mágicos. (MELO, 2012).

Neste cenário, a capacidade desses artistas de adaptar-se e responder às expectativas e desejos do público foi fundamental. Eles não apenas proporcionavam entretenimento, mas também atuavam como mediadores de um mundo repleto de maravilhas, onde o impossível parecia acessível a todos. Esse aspecto era particularmente apelativo numa época de rápidas transformações, servindo como contraponto lúdico às incertezas trazidas pela modernidade (HARADA, 2018, p. 215). Em resumo, a evolução dos espetáculos de mágica no Oeste de Minas Gerais no final do século XIX é um fenômeno complexo, influenciado por uma confluência de fatores sociais, culturais e econômicos. A análise dessa transformação revela não apenas a adaptabilidade e a inventividade dos artistas envolvidos, mas também oferece uma janela para entender as mudanças mais amplas que estavam remodelando a sociedade brasileira naquele momento crítico de sua história.

Bibliografia

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas*

Gerais, 1888-1925. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. *Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1920*. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 22, n. 2, p. 237-261, 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; NUNES, Fábio Santana; XAVIER, Rosana Daniele. “Touradas assim, sim!”: espetáculos de touros no Oeste de Minas Gerais no final do século XIX. *Revista Caminhos da História*, Montes Claros, v. 28, n. 2, p. 223-242, 2023.

BIBBÓ, Caroline Bertarelli. *Divertimentos em Ouro Preto no final do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

HARADA, Ricardo. Arte mágica: a filha bastarda da modernidade. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação/Sesc*, São Paulo, n. 7, p. 212-227, nov. 2018

MELO, Victor Andrade de. Uma diversão entre a ciência e o ocultismo: Os espetáculos de mágica no Rio de Janeiro do século XIX (Décadas de 1840-1880). *Licere*, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, set. 2021.

TRUSZ, Alice Dubina. *Entre lanternas mágicas e cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre. 1861-190*. Tese (Doutorado em História).

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. *Revista de História Regional*, v. 24, n. 1, p. 135-159, 2019.

Parque Municipal de Belo Horizonte/MG e a Semana Escoteira de 1929

Fernanda Moreira Viana¹

Maria Cristina Rosa²

Universidade Federal de Minas Gerais

Caparaó: Grupo de Pesquisa sobre Natureza

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior que estuda parques municipais, estaduais e nacionais no Brasil, na transição do século XIX e na primeira metade do século XX. Nos parques municipais, importantes espaços públicos de capitais e cidades do interior nessa temporalidade, ocorriam diversas atividades festivas, como exposições, desfiles, quermesses e competições esportivas, organizadas por diferentes grupos e instituições. Este trabalho tem por objetivo problematizar a Semana Escoteira, realizada em 1929, em Belo Horizonte, que teve grande parte de suas atividades desenvolvidas no parque municipal da cidade, espaço que possuía uma ampla área ao ar livre, com árvores, lagos, pontes, alamedas etc., também contava com pavilhões.

Trata-se de um estudo historiográfico, cuja pesquisa documental foi realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>). A busca de fontes foi realizada a partir da palavra-chave parque municipal. Jornais e matérias/reportagens com ocorrências

foram identificados, classificados, categorizados e, posteriormente, selecionados os com ocorrências sobre o escotismo no PMBH. O recorte temporal foi determinado pela época de maior expressão do escotismo no Brasil, que, segundo Nascimento (2004), ocorre nas décadas de 1910 e 1920.

O escotismo é uma prática associada à disseminação de determinados comportamentos, como obediência incondicional às autoridades governamentais e à hierarquia social (CÂNDIDO, 2012). Ele era visto como uma escola que forma cidadãos patriotas e integrados à sociedade e os nacionalistas brasileiros acreditavam que esse movimento criaria cidadãos conscientes de seus deveres para com a pátria (NASCIMENTO, 2004).

Entre as atividades realizadas pelos escoteiros no PMBH, destacou-se a Semana Escoteira, realizada em 1929, que teve em sua programação festiva atividades como hasteamento de bandeiras, desfile, acampamento, plantio de ipê, jogos esportivos, Fogo do Conselho e missa (Escotismo Mineiro, 1929). Entre essas atividades, algumas, como o hasteamento da bandeira e o desfile, possuíam caráter cívico, que, segundo Cândido (2019), evidenciava relação com o sistema político vigente da época, de modo que celebrava valores e ideais republicanos. Outras atividades se enquadravam no que essa

autora caracteriza como festas da natureza. Com presença de árvores e aves, entre outros elementos, essas festas possuíam o objetivo de despertar o interesse pela natureza e visavam ensinar valores, como o amor à pátria, contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento nacionalista e do patriotismo (CÂNDIDO, 2019).

Conforme Silva e Melo (2022) destacam, a educação e o escotismo convergiam no sentido de investir na preparação dos alunos e das alunas para assegurar um futuro harmônico, educado e higienizado para as cidades. Dentre as práticas educativas voltadas para a natureza e sua valorização presentes na Semana Escoteira, é possível perceber o plantio de ipês pelos escoteiros (ESCOTISMO MINEIRO, 1929), atividade também presente em festas de escolares realizadas no PMBH. Além disso, observa-se a presença de escolares entre os escoteiros na Semana Escoteira, sendo um dos grupos de escoteiros, designado como Guia Lopes, constituído alunos do Gymnasio Mineiro (VISITA DO PRESIDENTE DO ESTADO, 1929).

Vale ressaltar que na década de 1920, Belo Horizonte era conhecida como a capital das árvores (BELLO HORIZONTE, 1926); e as árvores, por sua vez, possuíam diversas funções, dentre elas a higiene. Como pode ser observado nas fontes, há

várias mobilizações para que árvores, elemento importante em festas realizadas no PMBH, conforme ocorre nas atividades de escotismo, fossem preservadas e plantadas na cidade, especialmente no PMBH, equipamento de divertimento público que foi construído e planejado com a proposta de enfatizar a ideia de aeração, arborização e higienismo (BRUTTOS, 2021).

Na década de 1920, no Brasil, época em que se têm preocupação com o crescimento urbano e a própria natureza, esta era vista como um local para se educar e fabricar novas sensibilidades, e o contato com a natureza ganha força em discursos pedagógicos e debates higienistas (SOARES; SANTOS NETO, 2018). Além disso, a natureza era vista como um símbolo da pátria, sendo esses valores prezados, como pode ser observado nas fontes, pelo escotismo.

Conforme Nery (2003), relatos sobre a realização dos primeiros acampamentos no Brasil já são encontrados no ano de 1923, e demonstram a participação de escoteiros apenas do sexo masculino e que vestiam uniformes oficializados. Na Semana Escoteira uma das atividades de destaque foi o acampamento, atividade organizada pela Federação Mineira de Escoteiros, e que ocorreu no PMBH. Com barracas para abrigar os escoteiros, foi caracterizado como movimentado, sendo destacados aspectos

como a preocupação com limpeza e com a organização das barracas. Esses acampamentos receberam visitas de alunos de grupos escolares, de senhoras e senhorinhas e de autoridades governamentais, como o Presidente Antônio Carlos acompanhado de sua esposa, os secretários do Interior, da Finanças, da Agricultura e da Segurança, além do prefeito da capital. As autoridades eram recebidas com saudações calorosas e faziam com que os organizadores da Semana Escoteira sentissem valorizados pelo trabalho realizado e reconhecido (VISITA DO PRESIDENTE DO ESTADO, 1929).

Nesses acampamentos também eram realizados jogos esportivos (ESCOTISMO MINEIRO, 1929), em que jovens participavam de jogos e atividades recreativas e ouviam palestras sobre questões morais. Este momento de reflexão é chamado no Brasil, conforme Nascimento (2004), de “Fogo do Conselho” e a participação de autoridades governamentais, como ocorreu na Semana Escoteira no PMBH, demonstrava o caráter cívico e nacionalista presentes nessas palestras em que, conforme este autor (2004), se via a oportunidade e possibilidade de educação voltados para os interesses nacionalistas.

Conclui-se que a Semana Escoteira contou com atividades festivas que podem ser caracterizadas como festas

cívicas e festas da natureza e associadas a preceitos presentes na década de 1920, como higienismo e nacionalismo. O PMBH, principal lugar da cidade associado à natureza, acolheu a maioria das atividades desse evento, atividades essas que reforçavam valores patrióticos e cumpriam a função de despertar o interesse pela natureza. Entre as atividades, o acampamento destacou-se não só pela riqueza de detalhamento nas fontes, como também pelas suas funções cívicas e educativas.

Referências Bibliográficas

Bello Horizonte - O parque municipal, **Eu Sei Tudo: Magazine Mensal Ilustrado**, p. 39, novembro 1926. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=164380&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=14437>. Acesso: 01 mar. 2024.

BRUTTOS, Savilly. Os coretos contam história sobre Belo Horizonte. **Temporalidades – Revista de História**, v. 13, n. 2, p. 790-815, Jul./Dez. 2021.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. O que a escola festeja? Uma retomada histórica sobre os sentidos das festas escolares. In: CATANI, Denice Barbara; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs.). **O que a escola faz? Elementos para a compreensão da vida escolar**. Uberlândia: EDUFU, 2019. p. 229-250.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **A máquina de festejar**: seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas

(1890-1930). 309 p. 2012. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Escotismo Mineiro - A federação mineira de escoteiros realizará uma brilhante 'Semana Escoteira', **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 19, 04 mai. 1929. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%201929&hf=memoria.bn.br&pagfis=74904. Acesso: 29 fev. 2024.

Escotismo Mineiro e ecos da 'Semana Escoteira' em Bello Horizonte', **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 16, 08 mai. 1929. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%201929&hf=memoria.bn.br&pagfis=74993. Acesso: 29 fev. 2024.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Educação e civismo: movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 7, p. 43-73, Jan./Jun. 2004.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Práticas escolares em revista: o escotismo. In: Simpósio Nacional de História (ANPUH), XXII, 2003, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: s.n., 2003. p. 1-7.

SILVA, José Cláudio Sooma; MELO, Victor Andrade de. A Federação Escolar de Escoteiros e a Federação Escolar de Bandeirantes: notas para pensar a educação primária na cidade do Rio de Janeiro em finais dos anos 1920. **Cadernos de História da Educação**, v. 21, p. 1-18, 2022.

SOARES, Carmen Lucia; SANTOS NETO, Samuel Ribeiro de. À sombra das árvores... Respirando ar puro: educação e divertimentos junto à natureza na São Paulo dos anos 1920. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 34, p. 1-26, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/zBst6NHhCMB4TZTZxg6WNXy/?lang=pt> Acesso: 02 mar. 2024.

Visita do Presidente do Estado, **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 16, 08 mai. 1929. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_04&pesq=%22parque%20municipal%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=74993. Acesso: 29 fev. 2024.

A inserção da mecanização como precarização nas experiências laborais e de lazer do trabalhador: estudos iniciais à luz de análises fragmentadas no âmbito do lazer

Victor Hugo Geovú Esposito⁵⁸
Universidade Federal Fluminense

1.Introdução

Alguns estudiosos do campo do lazer compreendem a mecanização de processos e a modernização da sociedade do trabalho como uma oportunidade de ampliação do tempo de lazer. De acordo com Hook (1963), alguns trabalhadores já vivenciavam em Nova York jornadas de trabalho de pouco mais de vinte horas semanais, “implicando” na problemática do que fazer com esse tempo livre resultante.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca iniciar uma análise acerca da perspectiva de estudiosos do campo do lazer que percebem a mecanização de processos e a modernização da sociedade do trabalho como uma oportunidade para a expansão do tempo de lazer. Nesse contexto, a investigação visa compreender como esses impactos e mudanças nas dinâmicas

⁵⁸ Mestrando em turismo na Faculdade de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal Fluminense – UFF.

laborais realmente influenciam e remodelam as atividades de lazer, promovendo uma reflexão sobre o real tempo de trabalho e não trabalho do trabalhador.

2.O impacto da mecanização na precarização laboral

De acordo com Thompson (1998), a partir da premissa de que haverá maior tempo de lazer em um futuro mecanizado, embora ilusória, a grande questão deixaria de ser voltada apenas para “como consumir as unidades excedentes de tempo livre?” para voltar-se para “qual a capacidade de aproveitamento terão as pessoas com esse tempo livre?”. Segundo o autor:

Se mantemos uma avaliação de tempo puritana, uma avaliação de mercadoria, a questão é como *empregar* esse tempo, ou como será aproveitado pelas indústrias de entretenimento. Mas se a noção útil do emprego do tempo se torna menos compulsiva, as pessoas talvez tenham de reaprender algumas das artes de viver que foram perdidas na Revolução Industrial: como preencher os interstícios de seu dia com relações sociais e pessoais mais enriquecedoras e descompromissadas; como derrubar mais uma vez as barreiras entre o trabalho e a vida (Thompson, 1998, p. 302).

Entretanto, antes mesmo de elaborar tentativas de previsão do mundo do trabalho mecanizado, é importante compreender a inserção da máquina na realidade dos

trabalhadores. Lafargue (1883) já explicitava em suas obras as primeiras impressões da mecanização do trabalho, em que o trabalhador, ao observar o aumento da produção possibilitado pela máquina, imaginaria também um aumento de descanso e diminuição da jornada de trabalho.

A partir desse imaginário idealizado pelos trabalhadores, surge uma realidade mais amarga: à medida em que há o aperfeiçoamento e maior presença da máquina nas indústrias, com maior rapidez e resultado, o operário, ao invés de ampliar seu tempo de descanso, redobra seu trabalho e esforço, em uma tentativa de rivalizar e concorrer - por seu emprego - com a máquina. Embora a quantidade de trabalho e produtos necessários pela sociedade seja limitado pelo consumo e disponibilidade de matéria prima no planeta, o que em tese possibilitaria uma diminuição da carga horária do trabalhador e uma abertura para, enfim, aproveitar e até mesmo vivenciar as “virtudes da preguiça”, o que é presenciado é uma sede insaciável pela fabricação, por parte dos detentores dos meios de produção, e uma adulteração da vida útil dos produtos, facilitando seu escoamento e ampliando o consumo de forma forçada. (Lafargue, 1883).

A percepção dos trabalhadores acerca das consequências da inserção cada vez maior da máquina no mercado de trabalho aumentou no decorrer dos anos. Nas décadas de 1920 e 1930, trabalhadores dos Estados Unidos já se preocupavam com o “desemprego tecnológico”, em que a ocupação de postos de trabalho por máquinas geraria o aumento do desemprego, a redução de muitos empregos a meros cuidados com as máquinas e a diminuição da sensibilidade humana (Rasmussen, 2001). Simultaneamente, os fabricantes, economistas e intelectuais entusiasticamente maquiavam a situação e proclamavam as “maravilhas” da mecanização, com a diminuição do trabalho penoso e ampliação de riquezas para uma parcela maior da população.

Ainda de acordo com o autor, à medida em que essas máquinas ocupavam maior espaço no mercado de trabalho, o estatuto dos trabalhadores - já com pouca relevância - tornou-se ainda mais precarizado. De acordo com Rasmussen (2001, p. 155):

Se o trabalho, seja no chão de uma fábrica ou loja de departamentos, era considerado estúpido, repetitivo e melhor feito por robôs, mulheres e homens trabalhadores eram frequentemente desumanizados e caracterizados como semelhantes a um robô. Ansiosos por divulgar as

vantagens dos vendedores robôs, os “negociantes de moedas” frequentemente menosprezavam os vendedores humanos, considerando-os muito bem pagos, preguiçosos e não totalmente brilhantes, caracterizando as vendas no varejo como um trabalho repetitivo e banal.

Além disso, o constante avanço tecnológico trouxe consigo ferramentas que não apenas substituem os trabalhadores em seus postos de trabalho, mas também são introduzidas como meios de facilitar os processos em diversos setores da sociedade. Nesse sentido, enquanto a Revolução Industrial trouxe consigo o relógio de ponteiro para reforçar as horas de trabalho, delimitando os momentos de trabalho e não trabalho, atualmente edifícios de trabalho e salas de estar se mesclam, em um cenário em que o smartphone e o laptop propiciam um campo móvel para os trabalhadores (Han, 2010).

A implementação do trabalho remoto, possibilitado pelo desenvolvimento das NTIC (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação), nos ambientes de trabalho, em algumas situações de forma forçada, pode ser interpretada de forma positiva por seu discurso de flexibilidade e garantias para o trabalhador. Entretanto, a era digital carrega consigo a dissipação constante entre o tempo de trabalho e de não trabalho, sobre o que Estrada (2013, p.6) afirma:

[..] estando na empresa ou fora dela, esse mundo digitalizado nos envolve durante as 24 horas do dia com o trabalho. O trabalhador perde o sentido da vida fora do trabalho. Aumentam os adoecimentos e o estresse. A aparência da liberdade do trabalho em casa é contraditada por um trabalho que se esparrama por todas as horas do dia e da noite. [...] Não é viável que se faça a contagem do trabalho imaterial (que produz conhecimento) por horas, como na fábrica, porque hoje o controle não é mais por tempo estrito de trabalho, e, sim, por produção. Se não realizou as metas (que eram previstas), você deixa de ser interessante para a empresa.

É possível ainda complementar a pesquisa de Estrada com os estudos de Han (2010), em que o autor explicita que o trabalhador, sofrendo um aumento da pressão por desempenho, torna-se, ao mesmo tempo, o explorado e o explorador, ao demandar cada vez mais de si mesmo em uma competição interna “quase” interminável. Ela só termina, de fato, por meio dos adoecimentos psíquicos que o indivíduo vem a sofrer, como consequências patológicas dessa liberdade paradoxal.

Han explicita as novas condições de trabalho da sociedade atual, em que a liberdade divulgada e proclamada pelos trabalhadores dá lugar a uma autocoção. Essa mudança é típica do modelo capitalista, tornando-se muito mais produtivo uma auto exploração do trabalhador, de mãos dadas com a

liberdade, em um cenário “livre” de sentimentos negativos e em que “eu próprio exploro a mim mesmo de boa vontade na fé de que possa me realizar. E eu me realizo na direção da morte” (Han, 2010, p. 116). E, a partir do momento em que o trabalhador concorre consigo mesmo, busca uma superação constante e sem fim até sucumbir, sofrendo muitas vezes um colapso psíquico, denominado de *burnout*, ou seja, o esgotamento frente ao excesso de trabalho.

3.Considerações finais

Se para autores como Hazin a redução da jornada de trabalho acompanharia também, em muitos casos, uma diminuição da renda do trabalhador, então como seria possível se preocupar com um tempo “extra” de lazer, enquanto muitos precisariam buscar outros meios de trabalho para complementar a renda? Por mais que, de fato, a automação e mecanização de processos possa diminuir o tempo de execução de tarefas e ampliar tipos de produção, as mudanças para os trabalhadores devem ser observadas à medida em que novos direitos são conquistados e, ao mesmo tempo, novas ferramentas de exploração são desenvolvidas e aplicadas pelo mercado de trabalho.

Ainda, mesmo que exista realmente esse “tempo livre ampliado”, vale ressaltar as ideias apresentadas por Han, que observa e questiona a qualidade do tempo livre na sociedade atual. Nesse sentido, até mesmo o tempo de não trabalho seria influenciado para dar mais valor ao capital, por meio de uma competição desenfreada e um incentivo ao consumo exacerbado.

Logo, ressalta-se a importância do acompanhamento da realidade vivenciada pelos trabalhadores no mercado de trabalho, acompanhando a adoção de novas tecnologias e o processo de mecanização nos ambientes de trabalho, buscando compreender os reais impactos para o trabalhador e para os seus direitos, assim como para os seus momentos de lazer.

Referências

ESTRADA, M. M. P. O teletrabalho escravo. **Revista Eletrônica da Faculdade de Alta Floresta**, v.2, n.1, 2013.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015 [2010].

HOOK, S. **Education for modern man: a new perspective**. Alfred A. Knopf, 1963.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. 1 ed. São Paulo: EDIPRO, 2016 [1883].

RASMUSSEN, C. Jobs galore for robots. 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O Papel da Imprensa Escrita no Desenvolvimento do Esporte Universitário na Capital da República (1923-1926)⁵⁹

Vitor Lucas de Faria Pessoa
Universidade Federal de Minas Gerais⁶⁰

1 – Introdução

O objetivo deste texto é apresentar fragmentos de uma análise histórica sobre o papel da imprensa escrita no desenvolvimento do esporte acadêmico no Rio de Janeiro, então capital da República, no início do século XX. Para tanto, foram analisados documentos e periódicos de 1905 a 1930, no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Uma instituição denominada Associação dos Cronistas Desportivos (ACD) esteve à frente da organização dos campeonatos estudantis de 1923 a 1926, portanto, este período determinou o recorte temporal desta pesquisa. Foi possível observar que a ACD cumpriu um papel fundamental no desenvolvimento do esporte acadêmico na capital da República, evidenciando de forma

⁵⁹ Este estudo contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

⁶⁰ Professor do Departamento de Educação Física (UFMG). Pós-doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG).

significativa os certames estudantis no interior dos jornais e revistas da cidade. Além disso, os achados deste estudo corroboram uma tese mais geral, no campo da historiografia do esporte brasileiro, de que os órgãos de imprensa contribuíram, sobremaneira, para o desenvolvimento do fenômeno esportivo no território nacional.

2 - O Esporte Universitário e a Imprensa no Início do Século XX

O esporte acadêmico começou a se desenvolver nas instituições de ensino superior no Brasil a partir dos primeiros anos do século XX, mais precisamente em 1905. Durante os dez anos que se seguiram, as disputas esportivas eram organizadas por meio de movimentos associativos criados a partir de comissões efêmeras, que se dissolviam logo após a realização dos certames. Além disso, no início de sua sistematização no país, o esporte acadêmico não possuía uma agenda própria, sendo organizado em torno de festividades e comemorações realizadas pela elite da capital da República. Somente com a criação de uma associação estudantil em 1915, conhecida como "Alliança Acadêmica", é que o esporte acadêmico se emancipa, tornando-se um elemento importante na agenda esportiva da

capital do país. A partir desse contexto, foram criados os primeiros campeonatos acadêmicos interestaduais, que tiveram sua origem no futebol, esporte que inaugurou as disputas entre os estudantes de nível superior no Brasil (PESSOA, 2022).

Após sete anos à frente dos principais torneios acadêmicos do país, a “Alliança Acadêmica” desaparece nos vestígios do passado, deixando os estudantes “órfãos” de uma entidade que ficasse responsável pela organização da vida esportiva entre os acadêmicos da capital. A imprensa reagiu rapidamente apontando os graves problemas que atingiram a juventude brasileira, caso os torneios acadêmicos não fossem “levados a efeito”. Neste momento de incerteza sobre o futuro do esporte acadêmico nacional, a Associação dos Cronistas Desportivos (ACD) se prontificou em dar continuidade ao legado deixado pela Alliança, tomando para si a responsabilidade de organizar a “Festa da Primavera”⁶¹, contando com o apoio dos clubes desportivos e da elite da capital brasileira (PESSOA, 2022). É neste contexto, que a Associação

⁶¹ A primavera era, durante as primeiras décadas do século XX, uma época muito utilizada pelos estudantes da América Latina para a realização de festividades e protestos políticos. Para saber mais ver: Borges (2011).

dos Cronistas Desportivos entra, definitivamente, para a história do esporte universitário do país.

De acordo com matéria publicada no jornal *Theatro & Sport*: “A Associação dos Chronistas Desportivos (ACD) foi fundada em 1917 pelos jornalistas esportivos da Capital do país. Um dos seus fundadores foi Mario Pollo, *sportsman* e cronista esportivo do *Correio da Manhã*”⁶². Além de ter sido o idealizador da fundação da ACD, Mario Pollo foi secretário do Fluminense Futebol Club nos anos de 1920, acompanhando de perto o desenvolvimento do esporte acadêmico na capital do país⁶³.

Esta proximidade com os acadêmicos, anos antes da entrada definitiva da ACD na direção dos campeonatos estudantis, nos mostra que a decisão da Associação dos Cronistas, em assumir as responsabilidades de organizar o Campeonato Acadêmico, não se deu ao acaso. Na história do esporte acadêmico nacional, a mídia impressa cumpriu um papel fundamental no desenvolvimento da prática esportiva nas instituições de ensino superior, principalmente no que diz

⁶² ASSOCIAÇÃO dos Chronistas Desportivos. *Theatro & Sport*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1917, p. 11.

⁶³ FOOT-BALL. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1921, p. 8.

respeito à divulgação dos certames, na defesa ao amadorismo, na retórica que elegia os acadêmicos como expoentes da juventude brasileira e na defesa ao esporte universitário enquanto uma estratégia higienista e eugênica para o que foi chamado de “melhoramento da raça brasileira” (PESSOA, 2023; PESSOA, 2022b; PESSOA; DIAS, 2019; PESSOA, 2018).

No campo da história do esporte, a noção de que a imprensa ocupa um papel fundamental no desenvolvimento deste fenômeno é praticamente um cânone. Para citarmos um exemplo, a *Recorde: Revista de História do Esporte*, pioneira do seu gênero no Brasil, publicou em 2019 um dossiê intitulado “História do Esporte e Comunicação: para além da imprensa e da mídia como fontes” (FORTES; CABO, 2019). Neste sentido, precisamos compreender que a relação que se estabelece entre o campo da história esportiva e a imprensa possui um duplo fator, ao mesmo tempo em que a imprensa é utilizada como fonte ela também é objeto de pesquisa (YAMANDU; JUNIOR, 2012; MELO; FORTES, 2010; SOARES et. al., 2007). Todas estas variáveis contribuem, sobremaneira, para compreendermos a importância de analisarmos o papel da Associação de Cronistas Desportivos no desenvolvimento histórico do esporte acadêmico no Brasil.

3 - Considerações Finais

Através da análise das fontes, durante o período de 1923 a 1926, foi possível observar que a Associação dos Cronistas Desportivos (ACD) cumpriu um papel fundamental no desenvolvimento do esporte acadêmico na capital da República. Corroborando uma tese mais geral, no campo da historiografia do esporte brasileiro, de que os órgãos de imprensa contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento do fenômeno esportivo no território nacional (FORTES; CABO, 2019). Além disso, a ideia de que a imprensa possa servir como fonte e objeto de pesquisa, para o desenvolvimento da historiografia do esporte, encontra respaldo neste fragmento da história do esporte acadêmico/universitário brasileiro, aqui apresentado.

Em 1923, a Associação dos Cronistas Desportivos atendeu aos seus próprios suplícios com o fim eminente da Aliança Acadêmica, instituição que havia inaugurado a “Taça Aliança Acadêmica” em 1915. Além de evitar a possível desmobilização esportiva dos estudantes da capital do país e dos estados vizinhos, a instituição contribuiu com a criação da primeira federação esportiva acadêmica em 1926, que abriria o caminho para a consolidação do esporte universitário no país. Ademais, a Associação destacou o esporte estudantil nos

principais periódicos da capital brasileira, fazendo com que o esporte acadêmico se consolidasse, cada vez mais, como um elemento importante na agenda esportiva dos entusiastas do esporte nacional.

Não tivemos a pretensão de esgotar todas as questões relativas à história do esporte acadêmico nacional e sua relação com a imprensa escrita. No entanto, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para um debate mais amplo acerca das possibilidades entre a história do esporte e a imprensa no país. Ademais, almejamos que este trabalho possa servir como um relato importante sobre a história do esporte acadêmico brasileiro, que ainda carece de mais pesquisadores interessados em sua trajetória e no seu desenvolvimento histórico no interior das instituições de ensino superior, especialmente na primeira metade do século XX.

Dedicatória

Este texto é dedicado à memória de Rafael Fortes, que contribuiu significativamente para a publicação da versão ampliada na *Recorde: Revista de História do Esporte*.

Referências

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. A Primavera de Sangue: a cidade do Rio de Janeiro na batalha eleitoral de 1910. **Dimensões**, n. 27, 2011.

FORTES, Rafael; DO CABO, Álvaro. Apresentação–Dossiê História do Esporte e Comunicação: para além da imprensa e da mídia como fontes. **Record: Revista de História do Esporte**, v. 12, n. 1, 2019.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras: Revista de História**, v. 12, n. 22, p. 11-35, 2010.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria. “**Moços de Hoje, Dirigentes da Nação Amanhã**”: A História do Esporte Universitário no Brasil de 1930 a 1941, Dissertação. Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria. A Associação de Cronistas Desportivos e o Desenvolvimento do Esporte Acadêmico Brasileiro. **Record: Revista de História do Esporte**, v. 16, n. 2, 2023.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria. Esporte Universitário na Década de 1930: “Uma Expressão do Amadorismo”. **Record: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2022b.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria; DIAS, Cleber. História do esporte universitário no Brasil (1933-1941). **Movimento** (Porto Alegre), p. e25016-e25016, 2019.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria; DIAS, Cleber. POLÍTICA, ASSOCIATIVISMO E ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA DÉCADA DE 1930. **Movimento**, v. 26, 2020.

SOARES, Antonio Jorge G.; BARTHOLO, Tiago L.; SALVADOR, Marco S. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. **Revista Portuguesa de ciências de desporto**, v. 7, n. 3, p. 368-376, 2007.

YAMANDU, Walter; JUNIOR, Edivaldo Góis. Profissionalismo “marrom” do futebol e a imprensa paulista (1920-1930). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 2, 2012.

A natação na *Revista Bello Horizonte* e suas interfaces de gênero e classe

Letícia Silva Azevedo⁶⁴

Universidade Federal de Minas Gerais

1 – Texto

O texto que aqui se apresenta tem por objetivo trazer parte dos resultados da minha dissertação em andamento, discutindo os achados a respeito da natação. A pesquisa em si se dedica a analisar as representações de lazer e seu encontro com a categoria gênero na *Revista Bello Horizonte* na década de 1930. A revista é nomeada pelo nome da cidade e pretende acerca dela e por ela falar. Dentre a variedade de conteúdos em suas páginas é possível ler algumas das experiências de lazer que viveu a cidade, como festas, esportes, a prática do footing, crônicas e notícias sobre o cinema e literatura, também o rádio e o teatro. É preciso demarcar que a proposta não é analisar quais foram as possibilidades de lazer na década de 1930, mas sim, amparada nos direcionamentos metodológicos da História

⁶⁴ Este trabalho foi financiado através de bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

Cultural (CHARTIER, 1991), discutir sobre as representações das experiências de lazer no referido espaço-tempo.

A Revista Bello Horizonte valoriza a natação por aspectos como modernidade, civilidade, elegância e juventude. Esse esporte se desenvolveu no final do século XIX e se projetava para um estilo de vida urbano, público e protagonizado pela burguesia, entendida na figura dos comerciantes, industriais, profissionais liberais; os que protagonizaram a vida pública e social. (MELO, 2016) Na revista, o elemento classe é sempre valorizado, as piscinas são representadas como “um ponto de reunião da mocidade elegante”. (BELLO HORIZONTE, 1934, n. 29, p.05)

Abaixo tem-se a capa da revista n° 185 do ano de 1942 e o editorial informa dizendo: “Nossa Capa - Srta. Mirka Providello, da alta sociedade belorizontina.” (REVISTA BELLO HORIZONTE, 1942, n. 185, p. 32). A imagem retrata uma nadadora e a marcação de distinção de classe: “alta sociedade”.



(REVISTA BELLO HORIZONTE, n° 185, 1942, capa)

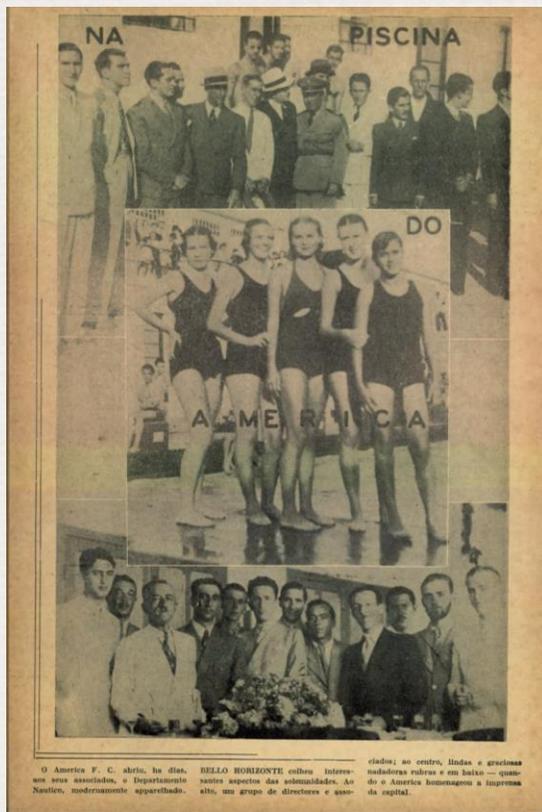
Dentre as modalidades permitidas e proibidas às mulheres, a natação era uma das recomendadas. Contudo, apesar de figurar em trajes de banho e na piscina, ela não é representada pela prática, o elemento da graciosidade é o que caracteriza o movimento da imagem. Na imagem, ela pega seus óculos de sol e sorri para eles, como se identificando com esse artefato que ressalta elementos de feminilidade.

A natação foi praticada por homens e mulheres, contudo, a forma de representação do esporte para um e outro gênero guarda relações com o sistema binário que reforça

estereótipos. Ainda que tal prática seja incentivada para esses dois gêneros, as motivações se diferenciam. A despeito das determinações há que se falar que nesses espaços as mulheres aumentaram sua presença e circularidade na cena pública, bem como conquistaram maiores flexibilidades em relação às suas vestes.

Para a continuidade da discussão dessas fontes, apresento abaixo reportagens referentes a três lugares em Belo Horizonte onde os esportes aquáticos foram vivenciados: a piscina do Atlético, a piscina do América e, aquela que figurou como modelo para toda a Minas Gerais, a piscina do Minas Tênis Clube. (SCHUFFNER, 2007)

A revista n.º 82, veiculada em 1937, divulgou uma matéria de página inteira com montagem de fotografias intitulada “Na Piscina do America”:



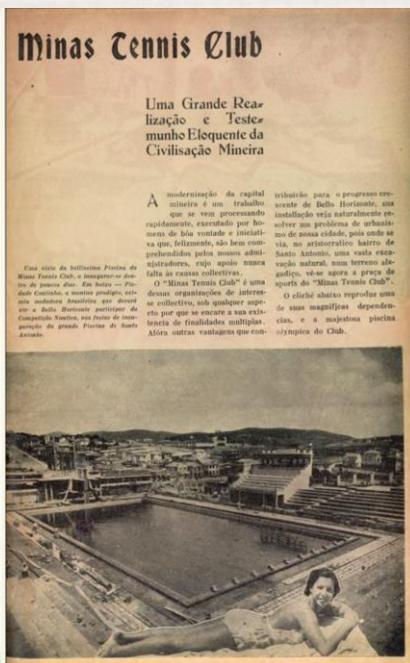
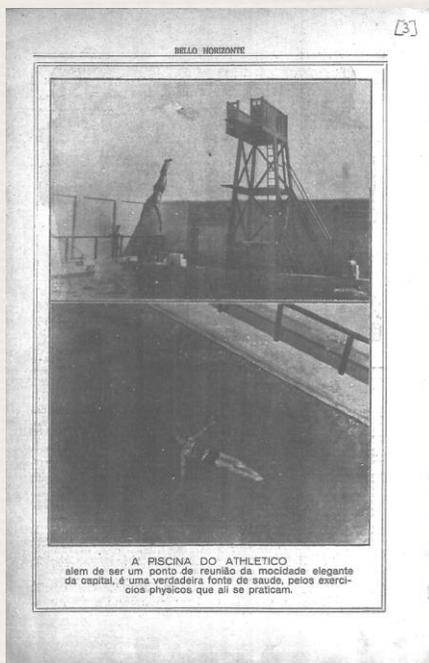
(REVISTA BELLO HORIZONTE, n.º 82, 1934, p. 68)

As pessoas representadas são identificadas pela sua posição nesses clubes: acima, os diretores; abaixo representantes da imprensa e dos clubes e, ao meio e de maneira sobreposta às demais, as protagonistas do referido departamento: as chamadas “lindas e graciosas nadadoras rubras”. (BELLO HORIZONTE, n.º 82, 1937, p. 68) A apresentação destaca, em primeiro lugar,

os atributos de beleza e então a posição de “nadadoras”, o que negligencia a sua atuação enquanto atleta em prol de um destaque que se limita às determinações de gênero.

Essa situação é diferente no que diz respeito ao grupo de nadadores homens, veiculados nas revistas de número 33 e 34, do ano de 1934. As fotografias são de homens competidores em ação, na piscina. Ao invés de adjetivos como beleza e graciosidade, os homens são identificados por adjetivos que ressaltam sua performance como atletas e competidores: “O ‘juvenil’ Rubens Cardoso notavel nadador ‘a la brasse’.” (BELLO HORIZONTE, 1934, n. 33, p. 51), “O ‘infantil’ Waldemar Duarte que promete ser um ‘osso’ contra o Gragoatá.” (BELLO HORIZONTE, 1934, n. 33, p. 51) e “Alguns dos ‘batatas’ do Athletico.” (BELLO HORIZONTE, 1934, n. 34, p. 37).

Nas páginas abaixo as fotografias se assemelham: há um homem e uma mulher e o plano de fundo é uma piscina; contudo, há diferenças importantes.



(REVISTA BELLO HORIZONTE, 1934, nº, p. 05) (REVISTA BELLO HORIZONTE, 1937., nº, p. 45)

Ela está posando para a revista, está em posição de lazer, aproveitando o entorno do espelho d'água veiculado; enquanto ele, por sua vez, é a imagem do esporte da natação, de maneira que seu corpo mostra movimentação, músculo e desenvoltura atlética.

Nos textos se lê os valores associados às piscinas, na dita revista da cidade.

A modernização da capital mineira é um trabalho que se vem processando rapidamente, executado por homens de boa vontade e iniciativa que, felizmente, são bem compreendidos pelos nossos administradores (...). O cliché abaixo reproduz uma de suas magníficas dependências, e **a majestosa piscina olympica do Club**. (REVISTA BELLO HORIZONTE, n.º 87, 1937, p. 47, grifos meus)

A piscina do atletico, por sua vez, recebe as seguintes caracterizações: “A PISCINA DO ATHLETICO alem de ser um ponto de reunião da mocidade elegante da capital, é uma verdadeira fonte de saude, pelos exercicios phisicos que ali se praticam.” (REVISTA BELLO HORIZONTE, nº 27, 1934, p. 05)

A revista trata de uma sociabilidade de um grupo específico e característico do plano de governo e sociedade em curso: a mocidade elegante, ou seja, a elite jovem para a qual se destinam as políticas eugenistas em prol da preparação do corpo físico na direção do país. O fortalecimento da raça produtiva e da elite dirigente eram as palavras de ordem. (GOELLNER, 2000; DEVIDE, 2004; SCHUFFNER, 2007)

Na década de 1930 a educação física é operacionalizada de maneira a atuar na educação de corpos com a finalidade de

engrandecimento nacional. O Estado incentiva os esportes com o intuito de “valorização do corpo esteticamente belo e do aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida moderna.” (GOELLNER, 2000, p. 62) No que se refere à participação feminina na natação, houve incentivos do poder público à época, por razões como:

Na época acreditava-se que a natação era um esporte que dispensava a força, sendo menos atlético; e também, por ser realizada ao ar do livre e na água, tornava-se a atividade por excelência, higiênica e capaz de trazer os melhores benefícios, tanto estéticos, quanto fisiológicos, ao corpo feminino. (DEVIDE, 2004, p. 140)

A participação feminina na natação foi representada na revista de maneira a destacar os atributos de feminilidade, almejava, principalmente, a “garantia de uma prole sadia.” (GOELLNER, 2000, p. 64) E as piscinas, por sua vez, conferiam à cidade distinção de modernidade. A divulgação desses ideais se fez por um projeto gráfico bastante variado, encontrando ocorrências na capa; em páginas inteiras; nas montagens em reportagens que destacam e celebram os atributos modernos da cidade. Ocuparam importantes espaços na organização editorial

do periódico analisado, reforçando as determinações de gênero, tal como previa a ordem do regime varguista vigente.

Referências

CHARTIER, R. O mundo como representação. Estudos Avançados. Vol. 5, n. 11, jan/abr. 1991. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>> Acesso em: 17 fev. 2024.

DEVIDE, F. P. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 125-144, mai./ago. 2004. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115317720008.pdf>> Acesso em: 17 fev. 2024.

GOELLNER, S. V. A Educação Física e a constituição de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. Movimento, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 61-70, 2000. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25034>> Acesso em: 25 nov. 2023.

MELO, V. A. de. O esporte: uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 49 - 66, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/494>>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SCHUFFNER, L. S. O Minas Tênis Clube e o Estado Novo: moldando corpo e mente da juventude de Belo Horizonte (1935-1945). 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O Escritor na sagacidade de um Exu: Lima Barreto, futebol e raça

Luciano Jorge de Jesus⁶⁵
Universidade Federal de Minas Gerais

Afonso Henriques de Lima Barreto, escritor, jornalista, homem negro e suburbano. Nascido em 13 de maio de 1881, Lima Barreto foi capaz de observar diferentes acontecimentos da cidade do Rio de Janeiro entre o fim do século XIX e início do XX buscando compreender a forma como determinados corpos eram excluídos do novo momento político-social da capital federal.

O trabalho aqui apresentado, ainda em desenvolvimento, tem por objetivo compreender as reflexões do escritor carioca sobre a prática do futebol – prática que enraizava na cidade – tendo como particularidade as questões raciais. Nesse empreendimento, mais do que reiterar uma possível aversão ao futebol, buscamos compreender possíveis sentidos que o intelectual buscava dar para tal modalidade, levando em consideração não só o momento político, social e econômico, mas também a forma como notava atores e atrizes.

Recorremos para tal objetivo, as crônicas, espalhadas por diferentes jornais⁶⁶ e revistas entre as décadas de 1910 e início dos anos 20 e aos escritos presentes em seus diários⁶⁷. Tais registros se encontram organizados em diferentes livros publicados

⁶⁵ Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

⁶⁶ Lima Barreto escreveu, por exemplo, para o jornal “O Paiz” e as revistas “Caretta” e “Fon-Fon”.

⁶⁷ O escritor teve dois diários publicados: “*Diário Intimo*” e o “*Diário do Hospício*” ambos publicados postumamente.

postumamente⁶⁸: “*Feiras e Mafuás*”, “*Vida Urbana*”, “*Sátiras e outras subversões*”.

Entendendo as crônicas e diários como fontes potentes para a construção da trama proposta, concordamos com Barros (2021) que há uma diferença entre os tipos. Os diários vão nos mostrar a intimidade da vida do seu autor, reflexões intimistas. Contudo, ainda guardando o diálogo com José D’Assunção Barros, é importante lembrar, que se tratando de uma figura pública, um diário pode também guardar um pouco da projeção, ou idealização da própria imagem para a posteridade, por mais que esse não queira que o diário seja publicado (2021, p. 168). Ou seja, é preciso levar em consideração a ambiguidade guardada nos relatos. Além disso, pensando principalmente no *diário do hospício* é importante lembrar do processo de produção desses relatos, dada a dificuldade encontrada por Lima Barreto para escrever e organizar o que é escrito, dada a condição de privação de liberdade desse momento.

Quando pensamos nas crônicas podemos pensar inclusive no debate que Marc Bloch (2001) propõe ao tentar compreender o fluxo histórico recorrendo a um conjunto de fontes, que anteriormente não eram notadas como possíveis para isso. As crônicas, como gênero que se propõe a retratar a realidade pelo olhar de quem a escreve (Barros, 2021 p. 103) possuem sua potencialidade não pelo poder da escrita, mas ao notar que essa proposta também se vincula a um periódico que tem circulação e o objetivo de atingir um número considerável de leitores.

Contudo, como nos lembra François Hartog (2011) são fontes que falam de um determinado lugar, escritas com intencionalidade e essa não é necessariamente feita para o historiador. Ou seja, recorreremos a esses escritos com uma intenção que não é aquela de quem escreve.

⁶⁸ O escritor faleceu no dia 1 de novembro de 1922.

Em seu *diário íntimo*, logo nas primeiras páginas podemos encontrar uma pista interessante em relação a forma como o autor pensa as questões raciais e a forma como essa necessitava, a partir de seu olhar, ter sua importância guardada. É importante entender que raça ganhava, nesse momento, uma nova dinâmica, um novo entendimento, afinal estamos nos primeiros anos da república brasileira, vivendo sobre um novo momento em que trabalho, lazer e outras categorias passam a ter uma nova compreensão:

1903

Um Diário Extravagante

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade.

Lima Barreto – Diário Íntimo p.04

Lima Barreto se coloca como alguém muito interessado em compreender a construção racial brasileira, observando o dia a dia da capital federal, em seus textos ao observar a forma como o progresso se pavimenta com corpos derrotados e esquecidos, de um processo que parecia prometer novidades, como carrega em seu peito esperançoso Isaías Caminha⁶⁹ quando sai da pequena cidade indo viver na cidade do Rio de Janeiro.

Ousamos pensar em Lima Barreto e sua sagacidade como Exu, divindade pertencente às religiões de matriz africana e entendido, a partir de sua saudação “Laroiê, Exu!”, entendido na “tradução livre “[...] Salve Exu, aquele que preside as controvérsias, os debates,

⁶⁹ Personagem e narrador do romance de Lima Barreto “Memórias do Escrivão Isaías Caminha”

as discussões” (Beniste apud Silva V. p.29). Ou seja, o olhar do jornalista suburbano não se interessa com a linearidade, com o entendimento objetivo de que a república brasileira, que ele testemunhava sua forja, como algo simples.

Encruzilhada. A disposição em não ter na dualidade a resposta. Luiz Rufino (2019) pode ser uma inspiração nessa intencionalidade, afinal, temos no escritor carioca, não só um homem negro e suburbano, temos também a lente daquele que observa o progresso, a modernidade brasileira expressa no projeto da capital federal, histórias, atores e atrizes que não foram ouvidos dilemas e provocações desconhecidas que podem contribuir para outra história que pode ser contada. Pensando na própria trajetória do escritor, essa chave de leitura tem uma capacidade de notar não só seus escritos, mas a cidade do Rio de Janeiro, suas contradições, tensionamentos e frestas de resistência.

Assim, quando pensamos no futebol, Lima Barreto segue propondo a contenda, provocando rivais, refletindo sobre a violência e um possível caráter de dissensão do futebol. Ao olhar para as questões raciais, o cronista parece estabelecer relações que vão para além do campo de jogo. No texto “O meu conselho”, do dia 01º de outubro de 1921, Lima Barreto reflete sobre a possível chegada de um herdeiro de uma família tradicional de Trinidad. Em seus argumentos sugere que esse herdeiro possui uma relação de poder muito próxima daquela existente no Brasil. O autor faz a interlocução do herdeiro personagem de seu texto com o futebol que se enraizou no país. E aqui um trecho interessante:

“[...] É por ver acontecer isto aqui, depois que se implantou entre nós o anglicano

futebol, que imagino que esse descendente dos barões que impuseram a João Sem-Terra (1199-1215) a Magna Carta, vive lá em Trinidad, a surrar os negros que trazem mais de corto número de folhas, arrancadas às árvores, nos cabazes em que colhem a baga rubra do café maduro. É o fardo do homem branco: surrar os negros, a fim de trabalharem para ele. O futebol não é assim: não surra, mas humilha; não explora, mas injúria e come as dízimas que os negros pagam.” (p. 155)

Interessante notar diferentes referências do autor ao se referir ao esporte que está enraizando no Rio de Janeiro, mobilizando mentes e corações (Pereira, 2000). Os ecos do império parecem ainda presentes, nos costumes, nos títulos, na forma como as pessoas dialogam sobre o tema. O homem branco não só teria inventado o futebol por aqui, mas também carregaria seu peso neste domínio. Como nos lembra Pisoni Zanaga (2019), o autor recorre às reflexões de Rudyard Kipling para pensar na forma como os brancos ocuparam o futebol e o que resta às pessoas negras nesse esporte.

O presente trabalho ainda está em processo inicial de construção, novas reflexões serão incorporadas e novas provocações estarão presentes. Novas fontes serão encontradas para buscar compreender a forma como o escritor carioca pensou o futebol naquele momento. Assim, como as questões raciais se fizeram presentes? É possível encontrar possíveis interlocutores ou opositores? Os passos iniciais deste trabalho pretendem dar conta dessas e outras possíveis reflexões que tangenciam o tema.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, F. DE A. A vida de Lima Barreto (1881-1922). [s.l.] Autêntica Editora, 2017.

BARRETO, L. Recordações do escrívão Isaías Caminha. São Paulo, SP: Campos Editora, 2023.

_____. **Feiras e Mafuás.** São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1956.

BARROS, J. D. Fontes históricas: introdução aos seus historiográficos. [s.l.] Editora Vozes, 2021.

BENJAMIN, W.; ROUANET, S. P.; GAGNEBIN, J. M. Obras escolhidas. Vol. 1: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura / trad.: Sergio Paulo Rouanet. 8. ed. revista ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012. v. 1

BLOCH, M. Apologia da história ou o ofício do historiador. [s.l.: s.n.].

HARTOG, F. Evidência da história : o que os historiadores veem. [s.l.] Autêntica Editora, 2011.

PEREIRA, L. A. DE M. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 - 1938. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

PISONI ZANAGA, F. Futebol e carnaval nas crônicas de Lima Barreto os embates do escritor com João do Rio e Coelho Neto acerca dos futuros símbolos da nação. Mestre—Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. 1a edição ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, F. C. A. **Modernidade e sofrimento: intersecções entre Dostoiévski e Lima Barreto**. Doutorado em Literatura e Cultura Russa—São Paulo: Universidade de São Paulo, 24 ago. 2022.